

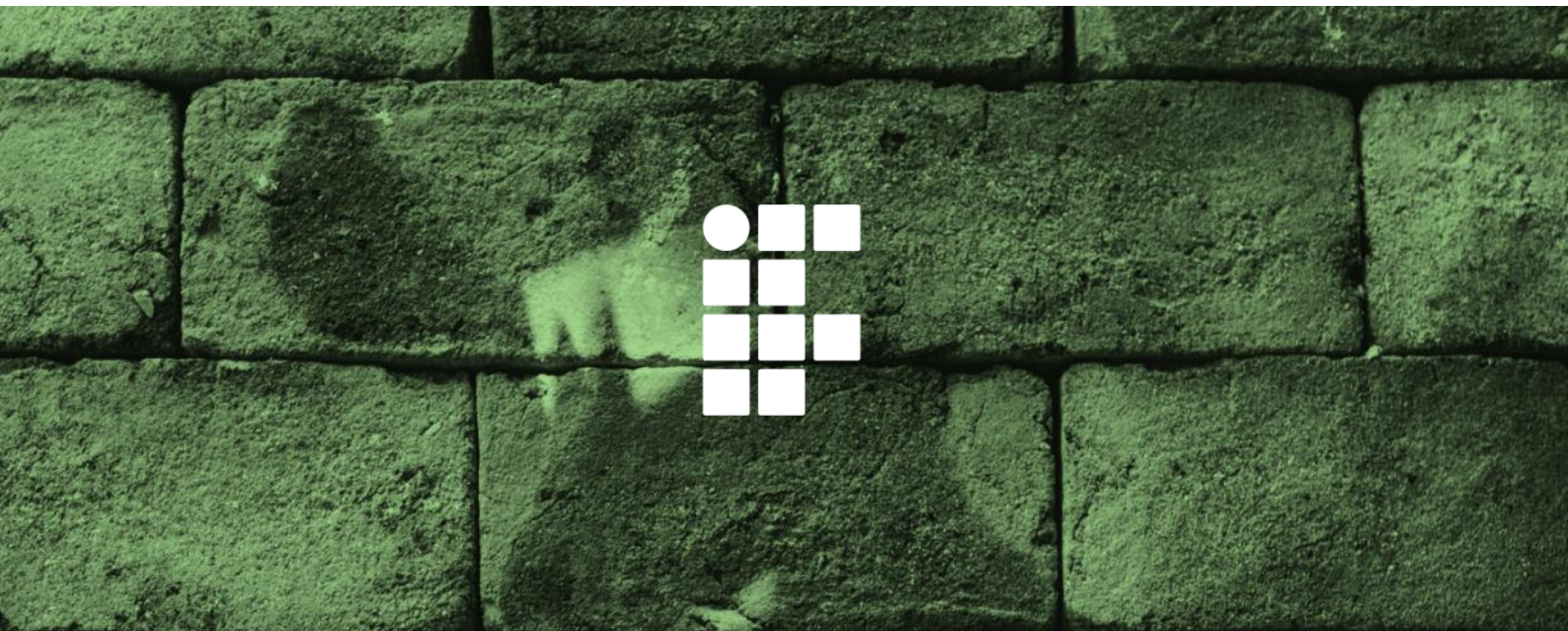
**FORMAÇÃO REALISTA-REFLEXIVA BASEADA NA OBRA
“A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR”**

Jefferson Rodrigues da Silva



**Curso de Formação
Continuada**

EAD



Jefferson Rodrigues da Silva

**Formação realista-reflexiva baseada na obra
“A arte de ser um perfeito mau professor”**

1ª Edição

Belo Horizonte
Instituto Federal de Minas Gerais

2020

© 2020 by Instituto Federal de Minas Gerais *Campus* Arcos

Todos os direitos autorais reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico. Incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização por escrito do Instituto Federal de Minas Gerais *Campus* Arcos.

Pró-Reitor de Extensão	Carlos Bernardes Rosa Júnior
Diretor de Extensão	Niltom Vieira Junior
Arte gráfica	Ângela Bacon
Diagramação	Eduardo Oliveira
Revisor	Ricael Spirandeli Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FICHA CATALOGráfICA

S586f Silva, Jefferson Rodrigues da.

Formação realista-reflexiva baseada na obra: a arte de ser um perfeito mau professor [recurso eletrônico]. / Jefferson Rodrigues da Silva – Belo Horizonte: IFMG, 2020.

88p.; il.; color.

E-book, no formato PDF.

Material didático para Formação Inicial e Continuada.

ISBN 978-65-5876-145-7

1. Malba Tahan. 2. Formação realista-reflexiva.
3. Aprendizagem visível. I. Título.

CDD 370.6

Catalogação: Rejane Valéria Santos CRB-6/2907

Índice para catálogo sistemático:

Educação Aprendizagem 370.6

2020

Direitos exclusivos cedidos à
Instituto Federal de Minas Gerais
Avenida Mário Werneck, 2590,
Buritis, Belo Horizonte – MG, CEP: 30575-180
Telefone: (31) 2513-5157

Sobre o material

Este livro é o material didático que guiará a sua aprendizagem no curso - *Formação realista-reflexiva baseada na obra “A arte de ser um perfeito mau professor”*. Ele possui uma versão complementar audiolivro disponível em diversas plataformas ([Spotify](#), [Deezer](#), [Google Podcasts](#) ou pesquise pelo canal *Jefferson Silva* em outras).

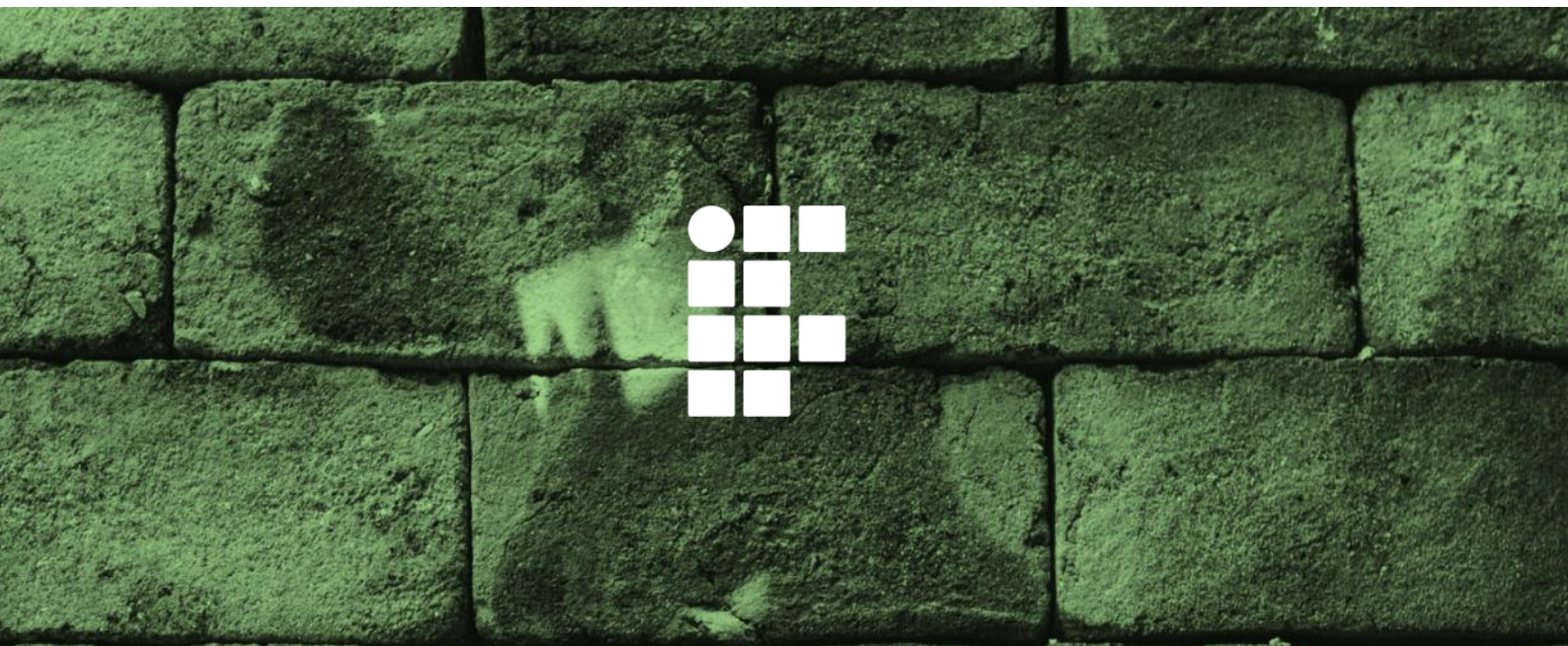
Além disso, esta obra inclui direcionamentos para o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), para o caderno de exercícios “Meu portfólio”, para videoaulas e textos complementares. Esse curso foi projetado para que você consiga evoluir de forma colaborativa com os colegas de curso, e também de forma autônoma e suficiente, ele é autoexplicativo e não possui tutoria.

Caso opte por imprimir este e-book, você não perderá a possibilidade de acessar os materiais multimídia e complementares. Os links podem ser acessados usando o seu celular, por meio do Glossário de Códigos QR disponível no fim deste livro.

Embora o material passe por revisão, somos gratos em receber suas sugestões para possíveis correções (erros gráficos, conceituais, links inativos, etc.). A sua participação é muito importante para a nossa constante melhoria. Acesse, a qualquer momento, o “Formulário de Sugestões para Correção do Material Didático” clicando nessa [ligação](#) ou acessando o código QR a seguir:



Formulário de
Sugestões para
Correção do
Material Didático



Palavra do professor-autor

Bem-vindo(a) colega professor!

Percorreremos essa trajetória de formação realista-reflexiva apoiados na obra “A arte de ser um perfeito mau professor” de autoria do Prof. Júlio César, pseudônimo Malba Tahan. Em um primeiro momento o título da obra nos causa uma confusão, pois atribui os adjetivos Perfeito e Mau, simultaneamente, ao professor. Malba Tahan explica, de forma a solucionar o paradoxo, que a palavra Perfeito está em seu sentido de completude e não de perfeição.

O ponto de partida do curso é o comportamento do Perfeito Mau Professor (PMP), ou seja, um mau professor por completo! A genialidade de Malba Tahan consiste em explorar, na contramão do convencional, o ruim para termos ciência do bom. Para isso, ele tece duras críticas ao PMP na esperança de orientar os bons e dedicados professores. Só teremos consciência do que é ser um mau ou bom professor se conhecermos os dois pólos. O contraste é a gênese da consciência: o claro torna-me perceptível se eu conheci o escuro antes; percebo o alto em contraste ao baixo, assim por diante.

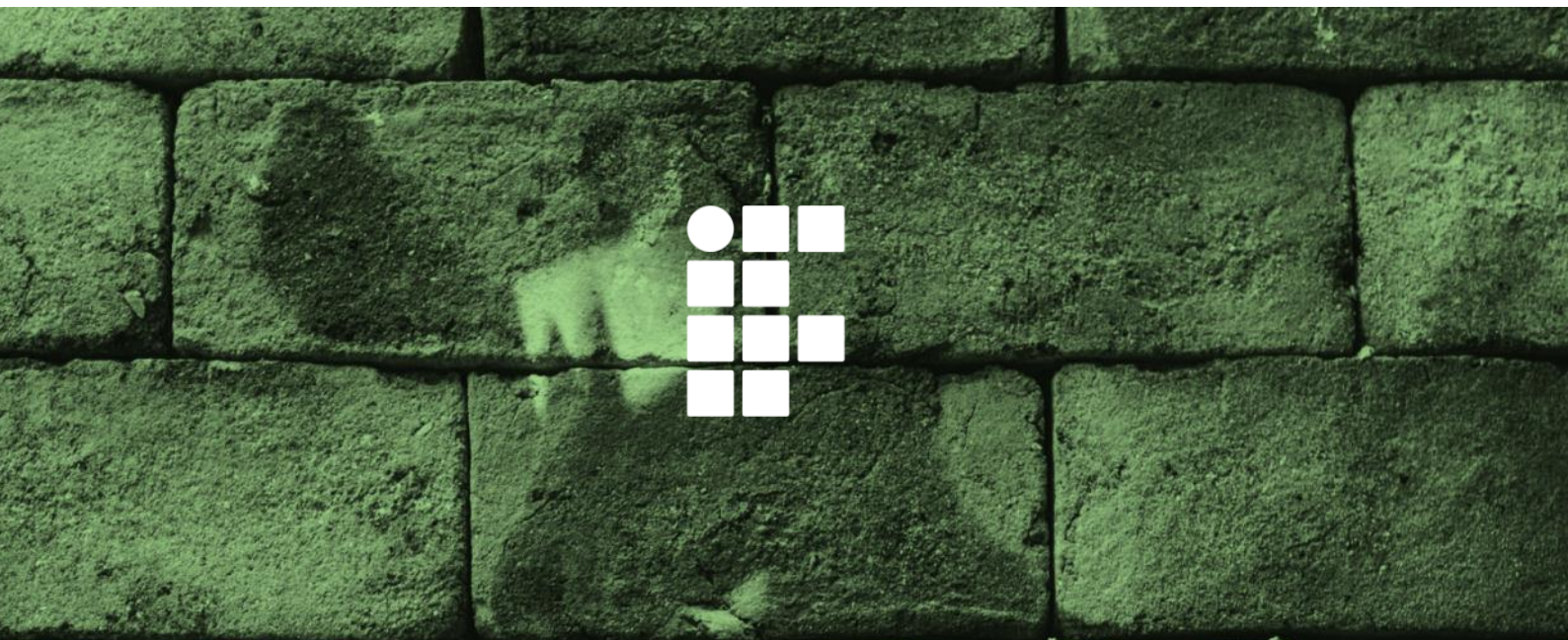
O questionamento sobre qual a melhor forma de se estabelecer a relação aluno-professor para o ensino-aprendizagem, por exemplo, não é nada fácil de ser respondido. Mas, podemos entender, sem dificuldades, que nessa relação: é um mau professor aquele que desrespeita o aluno chegando atrasado para a aula e gastando muito tempo com o controle de frequência como um instrumento para “enrolar” o tempo.

Convido-lhe a estudar a obra desvencilhando-se dos apoios que, com muita frequência, tenderemos a buscar para usarmos como justificativa aos nossos atos. Evite querer defender-se, justificar-se: não é um ataque ao indivíduo. Os textos, atividades, multimídias propostos neste livro são pontapés para a discussão, para a reflexão, não os tomemos como verdades inquestionáveis. Os valores são complexos, só assim é possível a liberdade de escolha. Se existisse uma lista de práticas, clara e inquestionável, que forjasse o bom professor, ou um Perfeito Bom Professor, todos fariam parte de uma massa homogenia desse mesmo professor.

Este curso encontra-se no paradigma da formação realista reflexiva. Para tal, imprima e complete atentamente o documento “Meu portfólio”, interaja, de forma genuína, com os colegas por meio dos fóruns. Acredito que se você está no curso com o intuito de “fazer por fazer”, ele lhe será de pouca valia.

Bons estudos, boas reflexões!

Prof. Jefferson Silva.



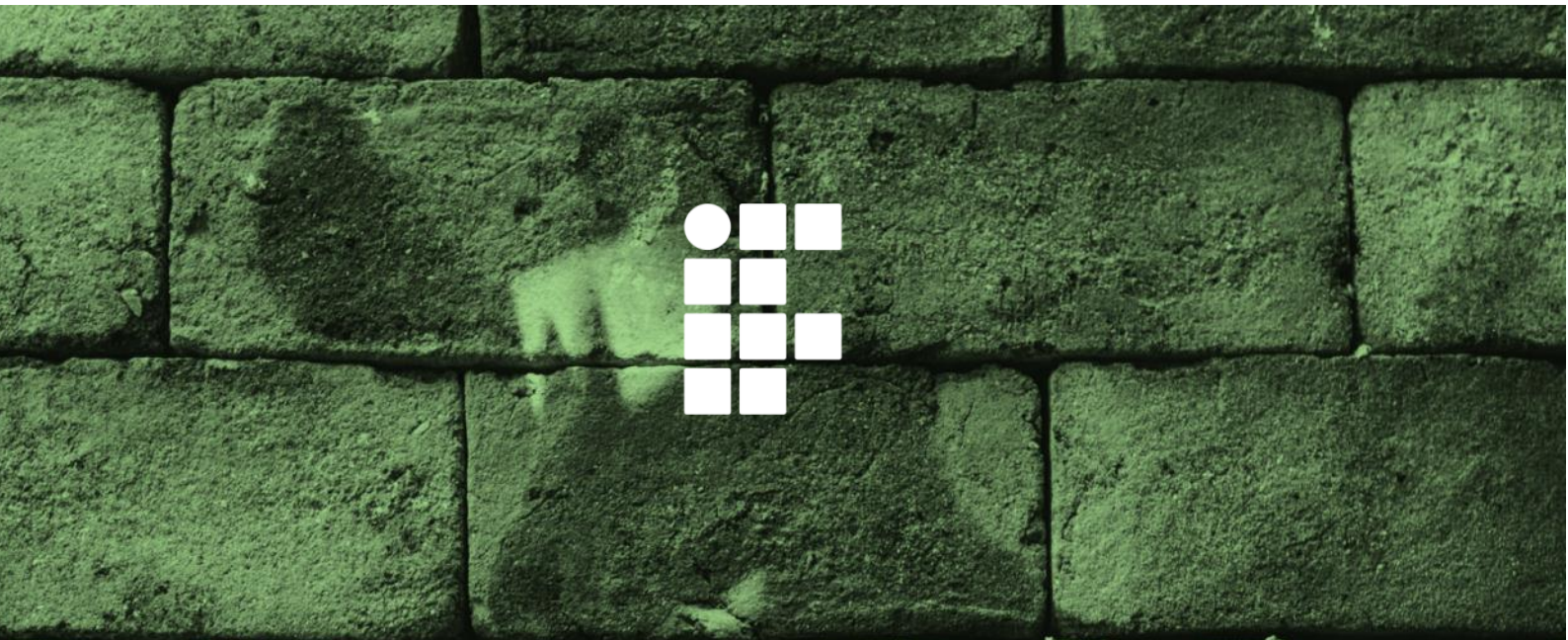
Apresentação do curso

Este curso está dividido em 9 semanas, cujos objetivos são apresentados, sucintamente, a seguir:

SEMANA 1	Situar o contexto do curso e o papel do aluno, entender o que é a formação realista-reflexiva e os <i>gestalts</i> .
SEMANA 2	Conhecer a biografia do escritor e professor Júlio César de Melo e Sousa, pseudônimo Malba Tahan.
SEMANA 3	Conhecer o livro “A arte de ser um perfeito mau professor”, do qual se resgata tópicos que são pontapés para as reflexões no curso. Discutir os castigos escolares.
SEMANA 4	Estudar a improvisação e o ensino do Perfeito Mau Professor (PMP), o plano de aula, a figura do PMP no cinema.
Semana 5	Discutir sobre a impontualidade e a atividade improdutiva do PMP.
Semana 6	Reforçar o papel da ciência no desenvolvimento do conhecimento. Estudar sobre a Aprendizagem Visível e o efeito Dunning-Kruger.
Semana 7	Estudar a rotina do PMP, a sua resistência à capacitação e às mudanças em geral, visão crítica sobre a inovação escolar a partir do conceito de modernidade líquida cunhado por Zygmunt Bauman.
Semana 8	Estudar a severidade e o desrespeito do PMP com os alunos.
Semana 9	O mau exemplo, o mito de Prometeu. Reflexão sobre a aprendizagem.

Carga horária: 90 horas.

Estudo proposto: 2h por dia em cinco dias por semana (10 horas semanais).



Apresentação dos Ícones

Os ícones são elementos gráficos para facilitar os estudos, fique atento quando eles aparecem no texto. Veja aqui os seus significados:



Atenção: indica pontos de destaque no texto.



Dica do professor: informações extras ou curiosidades relacionadas ao tema em estudo.

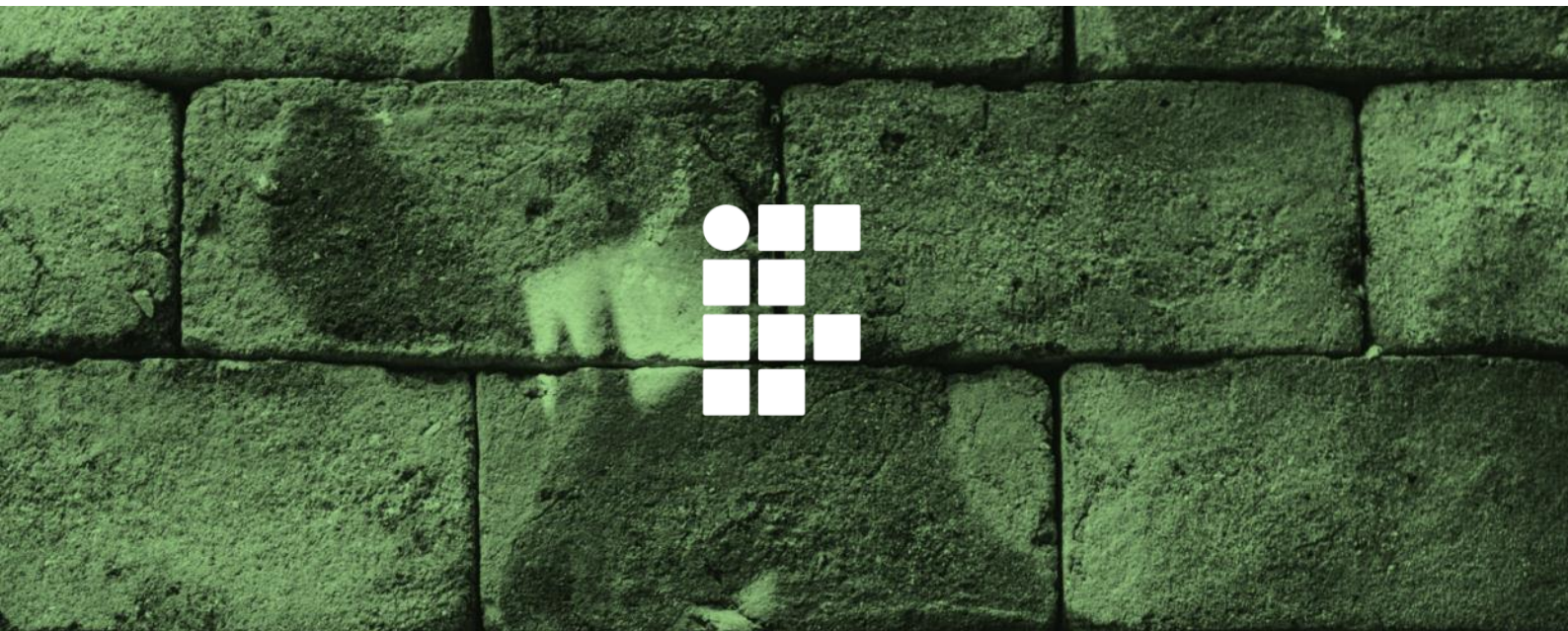


Atividades: sugestão de tarefas e atividades para o desenvolvimento da aprendizagem.



Mídias digitais: sugestão de recursos audiovisuais para enriquecer a aprendizagem.

As atividades propostas nesse livro deverão ser feitas na sala virtual do curso e/ou no caderno de exercícios “Meu portfólio”.



Sumário

1.1.	Situando-me no contexto do curso	15
1.2.	Gestalt	18
1.3.	A formação realista-reflexiva	18
2.1.	Biografia de Malba Tahan	21
2.2.	Autorregulação da aprendizagem.....	25
3.1.	Sobre a obra “A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor”	27
3.2.	A memória engana!	31
	Caso prático	31
4.1.	A improvisação e o ensino do PMP	33
4.2.	Professor e o roteiro da Aula.....	34
4.3.	O PMP e as relações sociais.....	35
4.4.	O PMP no cinema	35
5.1.	Assiduidade e pontualidade	39
5.2.	Atividade improdutiva do mau professor	40
5.3.	O professor sabatineiro	42
5.4.	Dois extremos deploráveis do PMP.....	43
6.1.	Refutar é preciso	45
6.2.	Efeito Dunning-Kruger	47
6.3.	Aprendizagem Visível.....	48
7.1.	Programa incompleto da matéria.....	51
7.2.	O livro texto e a incultura do PMP	52
7.3.	A rotina e o mau professor	52
	Texto complementar: Como ser um cachorro obediente	54
7.4.	Modernidade Líquida	55
7.5.	A aula expositiva e a prova didática dos concursos	56
8.1.	A severidade excessiva com os alunos.....	61
8.2.	O desrespeito ao aluno	62
8.3.	O PMP na música.....	63
9.1.	O mau exemplo	67
9.2.	O mito de Prometeu	69
9.3.	Acabou?	72
	REFERÊNCIAS	75

GLOSSÁRIO DE CÓDIGOS QR	79
CURRÍCULO DO PROFESSOR-AUTOR.....	83

Objetivos

Situar o contexto do curso e o papel do aluno, entender o que é a formação realista-reflexiva e os *gestalts*.



Mídias digitais 1.1: Antes de prosseguir a leitura, acesse a sala virtual do curso ([clique aqui](#)) e assista aos Vídeos - “Apresentação do Curso” e “Tutorial de uso do material”.



Atenção: Na sala virtual do curso você encontrará o arquivo do caderno de exercícios “Meu portfólio”. É aconselhável que você o imprima: ele será preenchido por você ao longo de todo o curso e será importante na integração e no encerramento do ciclo de reflexões. Além disso, algumas atividades estão propostas exclusivamente no “Meu portfólio”.

1.1. Situando-me no contexto do curso

Os novos modelos de formação docente têm um objetivo e um desafio em comum: o desenvolvimento de competências relacionadas à prática docente por meio de metodologias equilibradas entre a sala de aula e os conhecimentos teóricos (ESTEVE, *et al.*, 2010). Começamos situando-nos no contexto desse curso esclarecendo os termos: treinamento, aperfeiçoamento, capacitação, formação, Desenvolvimento Profissional Docente (DPD), e o paradigma da formação realista-reflexiva.

Treinamento: implica “repetição mecânica” e passividade de quem é treinado (HYPOLITTO, 1996). A etimologia da palavra “treinar”, segundo o dicionário Priberam (2008), vem do francês *traîner*, “arrastar”; e tem o significado de “ensinar ou aprender determinada ação ou prática: adestrar, acostumar”. Aprofundando até a origem latina, *traîner* advém de *trahinare*, que é ligado a *trahere*, “puxar”, derivado de *tractus*, particípio passado de *trahere*, “puxar, arrastar” (ORIGEM DA PALAVRA, 2012). Para a docência o treinamento não é uma boa opção, pois o professor precisa de autonomia de planejamento e decisão, e ainda, maleabilidade frente à complexidade da docência.

Aperfeiçoamento: refere-se ao ato de aperfeiçoar, de melhorar, de aproximar-se da perfeição (AURÉLIO, 2020). Como será reforçado ao longo do curso, atingir a perfeição está longe de ser o objetivo desse curso, muito mais o contrário, o curso dirige-se a

estarmos cientes das nossas imperfeições e incompletude. Hypolitto (1996) faz críticas ao termo:

Este significado nos remete a pensar no processo educativo como aquele de capaz de completar alguém, de torná-lo perfeito e concluído. Há inadequações desse termo, pois seres humanos poderão tentar a melhoria, quer na vida, quer no trabalho, mas a perfeição, que significa não ter falhas, é humanamente impossível (HYPOLITTO, 1996, p. 102).

Capacitação: Se por um lado, é reconhecido que há na palavra capacitar o significado de ficar ou se tornar apto; fazer com que alguém se torne hábil, habilitar-se. Por outro lado, verificam-se as acepções: aliciar, convencer ou induzir; influenciar ou persuadir (LÉXICO, 2009). Apesar de o termo capacitação ser defendido por alguns autores (HYPOLITTO, 1996), aqui se preconiza que ele se torna inapropriado para o fomento de reflexões em que o próprio indivíduo, ainda que colaborativamente, realiza a desconstrução, co-construção e reconstrução na sua formação (essas etapas serão esclarecidas mais adiante no texto) (ESTEVE, *et al.*, 2010). Aliás, esse é um dos problemas comumente apontado na formação do professor: tentar persuadi-lo a modificar a sua prática docente sem que ele tenha esteja convencido, por si, dessa necessidade.

Os profissionais de educação não podem e não devem ser persuadidos ou convencidos de ideias; eles devem conhecê-las, analisá-las, criticá-las, até mesmo aceitá-las, mas mediante o uso da razão (MARIN, 1995, p. 17).

Formação: o termo “forma-ação” denota uma ação de formar ou de dar forma a algo ou alguém. Há autores que observam um sentido de movimento de “fora para dentro”, uma visão de imposição e adestramento, similar ao descrito anteriormente sobre o termo treinamento. Contudo, outros autores, como Larossa (1999), concebem em formação uma ação em sentido contrário: de “dentro para fora”, protagonizada pelo sujeito.

[...] qualquer coisa, e não se sabe onde vai chegar, nem mesmo se vai chegar a algum lugar. [...] E a experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem e que tem a suficiente força para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior (1999, p. 52-53).

Desenvolvimento Profissional Docente (DPD): é um conceito que surge para diferenciar os cursos que não estabelecem relação com o cotidiano e as práticas profissionais. O DPD foi introduzido de modo a deslocar a atenção do processo de formação em si para o processo de aprendizagem e desenvolvimento do professor (FIORENTINI e CRECCI, 2013).

Segundo Fiorentini e Crecci (2013) a prática reflexiva do professor se fortalece no sentido de promover o desenvolvimento profissional se ela for compartilhada e estabelecida em uma comunidade colaborativa, num processo de “desprivatização” da prática. O autor reconhece três correntes de práticas com potencial de promover o DPD: as práticas reflexivas, as práticas colaborativas e as práticas investigativas. Onde, a prática reflexiva difere da prática investigativa, pois esta última exige a aplicação de técnicas de obtenção e análise de fenômenos e dados:

A prática investigativa do professor, ou futuro professor, pressupõe um processo metódico de coleta e tratamento de informações. Exige que o professor-investigador, a partir de uma determinada perspectiva (recorte, foco ou questão investigativa), faça registros escritos, organize suas ideias, revise e analise suas práticas, buscando e produzindo, para, assim, atingir uma melhor compreensão do trabalho docente. E, no final desse processo, “apresente publicamente um relatório final escrito do estudo desenvolvido” (FIORENTINI e LORENZATO, 2009, p. 75 *apud* FIORENTINI e CRECCI, 2013).

A formação (formação inicial, para os alunos, e continuada, para os professores em exercício) no paradigma realista não consiste em receber conhecimentos para aplicá-los mais tarde. O conhecimento deve ser construído sobre e a partir das experiências de situações de ensino e aprendizagem – próprias e de outros (ESTEVE, MELIEF, *et al.*, 2010).

Advoga-se que o aluno deste curso encontra-se em **formação realista-reflexiva objetivando o DPD**. Onde a reflexão faz parte do movimento de “dentro para fora”: inicia-se com um olhar interno para, a partir das experiências, das teorias implícitas (crenças e dos valores) prévias, fazermos a externalização e, então, desenvolvemos as teorias sobre alternativas de atuação (ESTEVE, MELIEF, *et al.*, 2010).



Atividade 1.1: No Fórum – “Apresentação pessoal, profissional e expectativas”, apresente-se informando o seu nome, cidade, formação, qual a sua experiência com a docência e como você é enquanto professor. Em seguida, escreva sobre as suas expectativas para essa formação docente, quais aspectos você considera importante para o seu desenvolvimento profissional. Finalmente expresse como deve ser a sua atuação

enquanto aluno(a) deste curso. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!



Atenção: Você observará que há uma compatibilidade entre as atividades propostas neste livro, na sala virtual e no “Meu portfólio”. Este livro possui uma versão audiolivro disponível em diversas plataformas ([Spotify](#), [Deezer](#), [Google Podcasts](#) ou pesquise pelo canal **Jefferson Silva** em outras). Sugere-se que você ouça o audiolivro de forma complementar.

1.2. Gestalt

Ao se levantar hoje, provavelmente você optou por abrir os olhos, calçar alguma coisa, preparar um café, etc. Você tomou uma série de decisões que não necessariamente foram conscientes.

No ambiente escolar a quantidade de informação processada pelo professor é grande. Este faz escolhas frequentes e muitas delas de forma automática. Essas mudanças inconscientes de conduta se denominam *Gestalts* e se definem como elementos holísticos compostos por necessidades, valores, sentimentos, convicções e tendências de atuação (ESTEVE, *et al.*, 2010).

Segundo Esteve *et al.* (2010), não se pode pretender substituir *Gestalts*, que estão muito interiorizados, por teorias de uma maneira imediata. Entretanto o professor deve conhecer muitas maneiras de atuar na sala de aula para, quando lhe seja conveniente, poder utilizar esse arcabouço de maneira consciente. Isso apenas acontecerá se o professor tiver reflexionado sobre o seu comportamento, tiver identificado suas *Gestalts* e estiver convencido de que poderia agir de maneira diferente. Com o tempo, o conhecimento teórico se converterá em um elemento da *Gestalt*, enriquecida e aprofundada.

1.3. A formação realista-reflexiva

A formação realista-reflexiva perpassa por três etapas: Desconstrução, Co-construção e Reconstrução. Entre os obstáculos do modelo realista-reflexivo, os antecedentes indicam que nem todos estão dispostos a colocar as *Gestalts* à prova, a mudar a sua forma de ensinar, de aprender e de avaliar. Além disso, como o ponto de partida para a reflexão requer consciência de conhecimentos implícitos, de experiências e de crenças, isso pode levar a conflito emocional (ALSINA, *et al.*, 2017).

Por "desconstrução" entende-se um processo a partir do qual o aluno toma consciência dos saberes implícitos que dificultam a construção de seu perfil profissional e busca alternativas para sua transformação; A "co-construção" é concebida como um processo social e interativo em que o aluno compartilha seus conhecimentos prévios, com a mediação, para promover a aprendizagem profissional por meio de andaimes coletivos, ou seja, por meio da reflexão e construção coletiva; Por fim, "reconstrução" é entendida como um processo que envolve a transformação do conhecimento implícito em conhecimento profissional (ALSINA, *et al.*, 2017, p. 58, traduzido do espanhol).

A Figura 1 é um fluxograma que resume os elementos para a transformação de conhecimentos, experiências e sistemas de crenças prévios na competência profissional docente. Ressalta-se a participação ativa do professor formativo (em verde) alinhada à condução do curso ou da formação (em azul).



Figura 1. Elementos para a transformação de conhecimentos, experiências e sistemas de crenças prévios na competência profissional na formação de professores. Traduzido e adaptado (ALSINA e MULÀ, 2019).

Relembrando, o nome do curso é - *Formação realista-reflexiva baseada na obra “a arte de ser um perfeito mau professor”*. Ainda que se mire atingir as três etapas - Desconstrução, Co-construção e Reconstrução; e que se possa identificar no curso a presença de todas elas, seria imprudente afirmar que o ponto final deste curso repousa sobre a reconstrução.

Toda evolução é fruto de um desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema no qual ele se originou: ele desorganiza o sistema reorganizando-o. As grandes transformações são a morfogênese, criando novas formas, que podem constituir verdadeiras metamorfoses (MORIN, 1999, p. 45).

Esse curso está mais centrado nas etapas de desconstrução e co-construção, (a depender da participação ativa do professor em formação). Ao final do curso, é esperado que o aluno sinta que muitas das suas convicções iniciais foram verdadeiramente testadas, abaladas e que ele esteja convencido, por si e em contato com as experiências dos colegas, de que ele pode melhorar profissionalmente e que para isso precisa mudar algo na sua prática docente. Algo que, tal vez, sequer havia considerado antes.

Cabe esclarecer que esse curso se lança não como uma ação única ou isolada, mas como uma etapa integrada à formação pedagógica propiciada pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), contando com mais cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) e uma Pós-graduação em Docência (EaD)¹, de forma atingir a reconstrução em uma forma integral, de forma colaborativa e com a prática investigativa.



Mídias digitais 1.2: Vá até a sala virtual e assista ao Vídeo – “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática numa perspectiva da Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire.



Atividade 1.2: No Fórum – “Meu bom professor”, relembre seu tempo de escola ou universidade postando um texto com pelo menos dez características: personalidade, ações, estratégias de ensino, avaliação, etc. de um professor que você gostou e considera muito bom (não cite nomes). Comente na postagem de pelo menos dois colegas de curso a sua postura, enquanto professor, comparada àquela dos professores apresentados por eles. Não se esqueça de usar o caderno de exercícios “Meu portfólio”!

Até a próxima semana!

¹ Informações sobre a Pós-graduação em Docência em: <https://www2.ifmg.edu.br/arcos/cursos-1/pos-graduacao>.

Objetivos

Nesta semana você irá conhecer a biografia do escritor e professor Júlio César de Melo e Sousa, pseudônimo Malba Tahan.



Mídias digitais 2.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – "Apresentação do Malba Tahan".

Na semana anterior os objetivos e a terminologia referente ao curso foram esclarecidos, tal como o que se espera da postura do professor em formação. É hora de conhecermos um pouco sobre a biografia do Malba Tahan, e na próxima semana sobre sua obra "A arte de ser um Perfeito Mau Professor" na qual esta formação realista-flexiva assume como ponto de partida para as discussões.

2.1. Biografia de Malba Tahan

Mais conhecido como Malba Tahan, o Prof. Júlio César de Melo e Sousa fez notáveis contribuições à Educação Matemática brasileira (SOUSA e FOSSA, 2014). Malba Tahan é considerado, ao lado de Sam Loyd², Yakov Perelman³ e Martin Gardner⁴, um dos mais importantes recreacionistas e popularizadores da Matemática no mundo (LORENZATO, 2004).

Em 29 de dezembro de 1995, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) instituiu no Calendário Oficial do Estado: "*O Dia da Matemática será comemorado, anualmente, no dia 06 de maio, data de nascimento do escritor, educador e matemático MALBA TAHAN*" (BRASIL, 1995). Mais recentemente, em 2013, sancionou-se essa data como o Dia Nacional da Matemática novamente homenageando o autor, mas agora em todo o território nacional (BRASIL, 2013).

Júlio César é apresentado no retrato da Figura 2. Ele era o quinto dze nove irmãos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1895, mas viveu boa parte de sua infância em São Paulo, na cidade de Queluz (OLIVEIRA e CHAQUIAM, 2018).

² Samuel Loyd foi um matemático norte-americano dedicado à matemática recreativa. Autor de quebra-cabeças e charadas (SAM LOYD OFFICIAL, 2020).

³ Yakov Perelman foi um russo autor de livros sobre o lado prazeroso e intrigante da Física, da Matemática e da Astronomia (SUPER INTERESSANTE, 2009).

⁴ Martin Gardner foi um matemático norte-americano especializado em matemática recreativa, embora a sua gama de interesses incluía filosofia, literatura, ilusionismo, pseudociência e ceticismo científico (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2020).



Figura 2. Retrato de Júlio de Mello e Souza. Arquivo Malba Tahan / Centro de Memória da Educação (UNICAMP, 2017).

Em 1908, com apenas 12 anos, criou sua primeira obra literária: A Revista ERRE! Nela, ele exercia as funções de diretor, redator e ilustrador. Ao lado do título da revista que inventou, ele apresentou o seu primeiro pseudônimo: “ERRE Redactor Salomão IV” (UNICAMP, 2017). Como pode ser observado na Figura 3.



Figura 3. Jornal ERRE (UNICAMP, 2017).

Sua produção foi intensa, em seus 50 anos de atividade literária, ele publicou 120 livros, dos quais 51 referiram-se à Matemática (LORENZATO, 2004). Ele foi um dos pioneiros a fazer uso didático da História da Matemática (OLIVEIRA e CHAQUIAM, 2018).

Além dos livros e das aulas, o professor criava sapos e também auxiliava as vítimas da hanseníase (MICHAILOFF, 2009). Ele era sem dúvida um apreciador da poesia brasileira: em suas obras, são citados mais de 800 poetas brasileiros (MICHAILOFF, 2009).

Entre 1918 e 1925, Júlio César estudou árabe, leu o Talmude e o Corão, estudou História e Geografia do Oriente e, combinado com seu amigo Irineu Marinho, criou o personagem Malba Tahan (10 anos mais velho que o próprio Júlio César). Ele também inventou um tradutor para os seus livros, Breno de Alencar Bianco (MICHAILOFF, 2009).

A Figura 4 é um desenho de Malba Tahan e logo em seguida a bibliografia criada para esse pseudônimo:



Figura 4. Malba Tahan (UNICAMP, 2017).

Ali Yezid Izz-Edin Ibn-Salin Malba Tahan, famoso escritor árabe, descendente de uma tradicional família muçulmana, nasceu no dia 6 de maio de 1885, em uma aldeia chamada Muzalit, próxima da antiga cidade de Meca. Fez seus primeiros estudos no Cairo e, mais tarde, mudou-se para

Constantinopla onde concluiu oficialmente seu curso de Ciências Sociais.

Datam dessa época a publicação de seus primeiros trabalhos literários, no idioma turco, em diversos jornais e revistas. A convite de seu amigo, o Emir Abd El-Azziz Ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de “quaimaquam” na cidade de El-Medina, tendo desempenhado suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. Conseguiu, mais uma vez, evitar graves acidentes entre os peregrinos e as autoridades locais, procurando sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitavam os lugares sagrados do Islam. Com a morte de seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou, então, o cargo que exercia em El-Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo.

Atravessou a China, o Japão, a Rússia, grande parte da Índia e da Europa, observando os costumes dos diferentes povos. Entre suas obras mais notáveis citam-se as seguintes: Roba el-Khali, Al-Saneir, Sama-Ullah, Maktub, Lendas do Deserto e muitas outras. Faleceu em combate, em julho de 1921, nas proximidades de El-Riad, quando lutava pela liberdade de uma pequena tribo na Arábia Central (UNICAMP, 2017).

A verdade sobre os pseudônimos, bem como sobre a identidade do tradutor de seus contos, é revelada apenas em 1933, um ano após a publicação de sua obra mais famosa “O Homem que calculava” (LORENZATO, 2004).

O Homem que Calculava é diferenciado por abranger vários elementos em uma única obra: curiosidade, lógica e aritmética matemática, filosofia, cultura e religião árabe, romance com aventura e o apelo pedagógico do ensino vivenciado de uma maneira alternativa e prazerosa (OLIVEIRA e CHAQUIAM, 2018).

Ele faleceu em decorrência de um edema pulmonar agudo e trombose coronária no dia 18 de junho de 1974, aos setenta e nove anos (OLIVEIRA e CHAQUIAM, 2018). A notícia de sua morte, pelos jornais, foi acompanhada da publicação de uma nota de sua autoria que fora redigida anos antes: “*Malba Tahan morreu e pede a todos, perdão pelas faltas, erros, ingratidões e injustiças. Pede, também, que rezem por ele*” (LORENZATO, 2004).

Malba Tahan distingue-se, em suas concepções, por sua impressionante atualidade: nela entrevemos o arauto, o portador de uma nova mensagem (LORENZATO, 2004). Embora

muitos dos assuntos abordados por ele, hoje estejam relativamente divulgados, naquela época eles causavam bastante estranheza (MICHAILOFF, 2009).

Malba Tahan foi um severo crítico do ensino tradicional e defendia o ensino baseado na resolução de problemas que não fossem feitos de forma mecânica (OLIVEIRA e CHAQUIAM, 2018), mas valorizando o raciocínio (MICHAILOFF, 2009) e a aprendizagem lúdica. "Ele estava muito além de seu tempo", afirma o matemático e professor paulista Antônio José Lopes Bigode, autoridade em Malba Tahan (MICHAILOFF, 2009).

2.2. Autorregulação da aprendizagem



Atenção: Este tópico é um parêntesis dentro da formação para que o aluno conheça o marco teórico que fundamenta o planejamento pedagógico do curso e, dessa forma, tenha consciência e uma postura ativa sobre o seu processo de aprendizagem. Outros tópicos semelhantes virão ao longo do texto.

Da teoria sociocultural, autorregulação é definido como a capacidade de regular os próprios processos mentais, incluindo a memória, a atenção, o planejamento, a percepção, o aprendizado e o desenvolvimento, e isso, por meio de um processo mediado socialmente (VYGOTSKY, 1978).

Esteve *et al.* (2010) apresentam ferramentas (termo em um sentido amplo que engloba estratégias pedagógicas para fomentar processos de autorregulação e instrumentos de autorregulação propriamente ditos). Enquanto os fóruns da sala virtual constituem um ambiente para a aprendizagem colaborativa, o portfólio é uma ferramenta de defendida para auxiliar na tarefa de autorregulação.



Atenção: Neste curso, é aconselhável que você escreva manualmente no "Meu portfólio" (por isso foi pedido que você o imprimisse) e digite nos fóruns as respostas coincidentes. Também ocorrerá o inverso, há atividades do "Meu portfólio" que serão feitas a partir de trechos extraídos de postagens de colegas nos fóruns do curso.



Mídias digitais 2.1: Vá até a sala virtual e assista ao Vídeo – “Conversa sobre Malba Tahan?”. O professor Sérgio Lorenzato conversa com Renata de Faria Pereira, neta de Malba Tahan, sobre a trajetória de vida do avô.



Atividade 2.1: No Fórum – “Meu Mau professor”, relembre novamente seu tempo de escola ou universidade postando um texto com pelo menos dez características: personalidade, ações, estratégias de ensino, avaliação, etc. Dessa vez, de um professor seu que você não gostou (não cite nomes). Comente na postagem de pelo menos dois colegas do curso a sua postura enquanto professor, comparado àquela dos professores apresentados por eles. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

Até a próxima semana!

Objetivos

Nesta semana você conhecerá o livro “A arte de ser um Perfeito Mau Professor”, do qual se resgatam tópicos que são pontapés para reflexões nesse curso.

3.1. Sobre a obra “A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor”

O livro “A arte de ser um perfeito mau professor” foi publicado em 1966 pela editora Vecchi. Em contato com o Sítio Oficial da Família e dos Admiradores Malba Tahan, eles responderam que esse título, infelizmente, não tem novas tiragens há décadas.



Dica do professor 3.1: O Sítio Oficial da Família e dos Admiradores Malba Tahan possui uma extensa biografia do Malba Tahan, também áudios, compêndio de trabalhos acadêmicos envolvendo esse mestre ([acesse aqui](#)).

Neste livro, há o resgate de alguns dos tópicos abordados por Malba Tahan no livro. Estes, não devem ser tomados como verdades inquestionáveis, pelo contrário, o professor deverá aproveitar a oportunidade para refletir sobre eles de forma crítica.



Atenção: Cabe justificar que neste livro há adaptações nas citações da obra de Malba Tahan, pois o português sofreu algumas reformas ortográficas desde então.

Na Figura 5 é apresentada a imagem da capa do livro supracitado. Nela, é possível observar um elemento gráfico: uma palmatória ou férula: “espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão” (AURÉLIO, 2020) - muito usada antigamente no Brasil (ROCHA, 2015) e veemente condenada por Malba Tahan.

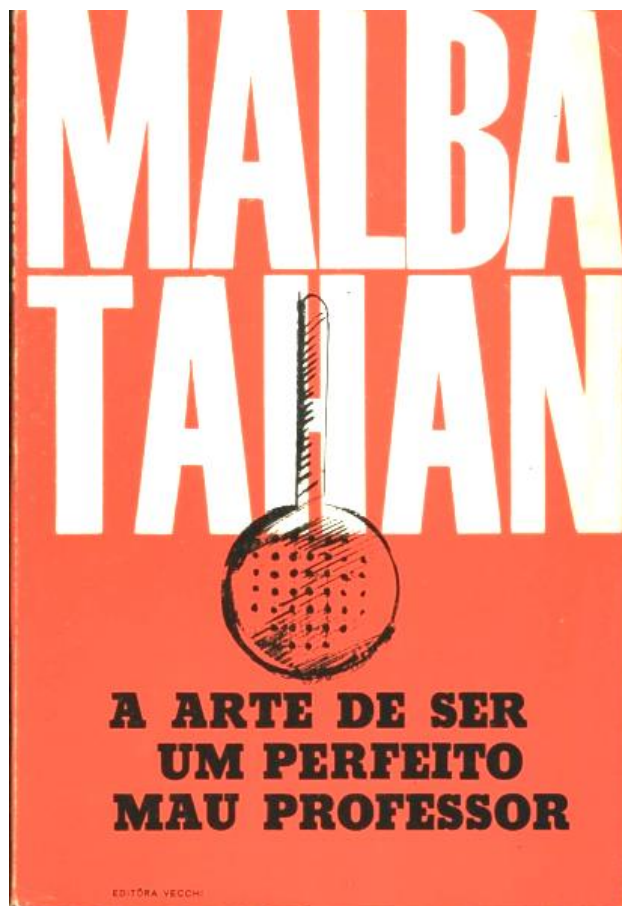


Figura 5 - Capa do livro "A Arte de Seu um Perfeito Mau Professor".
Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/462116/> Acessado dia 01/09/2019.

A Figura 6 é uma fotografia de uma pessoa segurando uma palmatória. Nela possível ver o objeto em maior detalhe. Segundo Rocha (2005), apesar do nome, a palmatória não era usada para golpear apenas a palma da mão.



Figura 6 – Palmatória, usada não só na mão, mas em outras partes do corpo, era vendida com objeto corriqueiro. Fonte Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/imagens/105x65/palmatoria0001.jpg>. Acessado dia 01/09/2020.

Os castigos corporais utilizados como método disciplinador de crianças e adolescentes era corriqueiramente aplicado e aceito nas escolas até o final do século XIX. Por muito tempo, acreditou-se que a violência física auxiliava no processo educativo da criança. A palmatória foi o principal instrumento para aplicar castigos nos alunos desordeiros ou traquinas. Levar um 'bolo de palmatória' era uma das piores notícias que um aluno do século retrasado e início do século passado poderia receber. Outra seria ajoelhar no milho, mais um método do passado para colocar os traquinas na linha. Apesar do nome, a palmatória era também utilizada em outras partes do corpo, além da palma da mão. A palmatória era vendida como um produto corriqueiro, facilmente encontrada em leilões e casas comerciais (ROCHA, 2015).



Mídias digitais 3.1: Vá até a sala virtual e assista ao Vídeo – “Punição física e violência na escola”.

Malba Tahan escreveu no elemento pré-textual – Este livro e a Verdade – o seguinte trecho:

Este livro poderá ser esquecido, mas muitos de seus conceitos, casos e episódios ficarão, para sempre, na lembrança dos leitores (TAHAN, 1966).

De fato, o autor por meio de toda sua produção literária e exemplo de vida, deixou uma pegada gigantesca na história da sociedade, em particular a brasileira. Neste sentido esse curso reviverá muitos dos ensinamentos desse grande mestre, contemporaneamente pertinentes.

“A arte de ser um perfeito mau professor” é um livro que, apesar de ter sido escrito há muitos anos, retrata atitudes que acontecem diariamente em nossas escolas, e servem para o educador repensar suas aulas e suas atitudes perante aos estudantes (MICHAILOFF, 2009).

Começamos nosso estudo da obra pelo título, que é um tanto provocador, instigante, no mínimo curioso. Ele nos leva a um paradoxo entre os adjetivos Perfeito e Mau: como pode

existir um Perfeito Mau Professor, se o que é mau implica não ser bom, e dessa forma é imperfeito? O autor cita o verbete do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda:

Mau, adj. – Nocivo; irregular; difícil; imperfeito; funesto; travesso. Perfeito, adjetivo. – Acabado; sem defeito, primoso (TAHAN, 1966).

Ele, então, acrescenta uma acepção da palavra “perfeito” que parece resolver o dilema. Do Dicionário de Sinônimos do Prof. Francisco Fernandes o adjetivo perfeito é sinônimo de cabal, completo, rematado, integral. Assim, Malba Tahan esclarece que o Perfeito está empregado em seu sentido latino de completude. Malba Tahan não vê problema na má interpretação de muitos e resolve manter o título, como ele mesmo escreve, contrariando a opinião dos ortodoxos.

No Capítulo I, Malba Tahan credits a um didata uruguaio que, com experiência sobre questões de ensino, publicou, usando o pseudônimo de Domine, um artigo em 1944 apresentando o termo PMP pela primeira vez.

Esse título nos leva também ao questionamento sobre os objetivos da obra. Obviamente a finalidade dela não é ensinar aos professores a arte de serem mau professores: desde as primeiras linhas do livro, observa-se que Malba Tahan repudia as ações do PMP.

A quem se dirige Malba Tahan? Aos professores inexperientes. Na literatura professores são considerados novatos nos três anos iniciais de exercício da docência. Há pesquisadores, no entanto, que consideram esse prazo um pouco mais extenso, chegando a cinco anos (HATTIE, 2017). Malba Tahan se dirige ainda àqueles que, mesmo em anos de profissão, por algum motivo cometem algumas ações características do PMP. Segundo o autor, o PMP mesmo não teria “cura”. Malba Tahan se inspira citando o Santo Agostinho:

“Condenar, com intransigência, o pecado, mas tudo fazer para esclarecer e salvar o pecador”.

Dessa forma iniciaremos o estudo sobre o comportamento do PMP, sem esperar que Malba Tahan seja cauteloso nas críticas. De coração aberto repensaremos a nossa postura como professores. É provável que nos sintamos atingidos em um ou outro aspecto, ou em muitos deles. Estudaremos uma obra de mais de meio século: antiga e, ao mesmo tempo, muito atual. Mais importante que discordar ou concordar sobre os tópicos apresentados, é reservarmos um tempo para refletirmos sobre eles, e finalmente perceber que não há professor perfeito, somos imperfeitos (tanto no sentido da não perfeição, como da não completude) e que devemos estar abertos para aprender e melhorar, enfim, Desconstruir, Co-construir e Reconstruir.



Mídias digitais 3.2: Vá até a sala virtual e assista ao Vídeo – “Malba Tahan - Dia da Matemática - E agora, Matemática?”

3.2. A memória engana!

Outro parágrafo parêntesis. Uma ressalva importante para mantermos durante nossas reflexões é que nossas memórias podem nos pregar algumas peças. É provável que você já tenha passado por alguma experiência do tipo, voltar a uma casa ou rua que você frequentava enquanto criança e observar que ela era diferente daquilo que lembrava – mas essa rua, estas casas pareciam ser tão maiores, etc.

Nossa mente, inconscientemente, tende a selecionar as memórias que nos são vantajosas e a reprimir, até mesmo apagar, as desfavoráveis e todos podem dar-se um papel lisonjeiro. Tende a distorcer as memórias por meio de projeções ou confusões inconscientes. Às vezes, há memórias falsas que a pessoa está convencida de ter vivido, como memórias reprimidas de que a pessoa é persuadida a nunca ter vivido (MORIN, 1999, p. 6).

Caso prático

Joana é uma aluna do primeiro ano do ensino médio. Ela teve um histórico escolar razoável durante o ensino fundamental: nunca foi uma aluna de tirar notas máximas, mas aprovou em todas as disciplinas e raramente ficava para a etapa de recuperação. Você ouviu falar que os pais dela se separaram há dois meses, e pensa que isso possa ter algum impacto no seu comportamento e aprendizado. Desde o início do semestre, você observa que ela apresenta certo desleixo com os estudos: não faz muitas das atividades propostas e parece ter desinteresse pelas suas aulas. A coordenação já interveio conversando com a aluna e com os pais, mas a situação parece não ter mudado.

Você terminou de explicar um determinado assunto e fez perguntas de verificação da aprendizagem. Joana respondeu-lhe um conceito tão errado que os colegas dela começaram a rir. Em resposta, Joana teve uma resposta agressiva falando palavrões com alguns deles. A discussão iniciada é tal, que você sente que “perdeu o controle” da sala.



Atividade 3.1: No Fórum – “Caso Prático”, descreva qual seria qual seria sua provável reação (automática) nessa situação (*Gestalt*). Qual seria a reação de um PMP? Encontre uma estratégia que você considera mais adequada. Comente a publicação de pelo menos dois colegas de curso. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

Até a próxima semana.

Objetivos

Estudar a improvisação e o ensino do PMP, o plano de aula e a figura do PMP no cinema.



Mídias digitais 4.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – “Improvisação da aula”.

Esta semana vamos conhecer alguns tópicos levantados por Malba Tahan no livro “A arte de ser um Perfeito Mau Professor”: a improvisação e o ensino do PMP, professor e o roteiro da aula, PMP e as relações sociais e, por fim, trataremos também sobre a representação do PMP no cinema.

4.1. A improvisação e o ensino do PMP

O primeiro tópico do livro “A arte de ser um Perfeito Mau Professor” que será resgatado como gatilho para a reflexão nesse curso é a improvisação em sala de aula. “O PMP não prepara aula, improvisa. Na hora da aula ele cria exemplos, inventa perguntas e exercícios”. Ele sempre tira algo da cartola: ensina aquilo que sabe razoavelmente bem, geralmente algo superficial e fácil de ensinar (TAHAN, 1966).

É claro que o PMP não prepara antecipadamente a lição. Nada de planos de aula; nada de roteiro prévio. O PMP ensina sempre pela velha norma da improvisação (TAHAN, 1966).

Segundo o Malba Tahan, o PMP em alguns casos, momentos antes da aula, passa os olhos rapidamente sobre o livro-texto. Muitas vezes pergunta a um aluno onde foi que ele parou o assunto na última aula, e prossegue a partir daquele ponto. Malba Tahan deixa uma anedota, dizendo que um aluno mais saliente pregaria uma peça ao PMP dizendo que determinado assunto já teria sido ensinado antes por ele, e o professor nem se daria conta do engano.

Segundo Malba Tahan, esse professor é rotineiro, não inova com ferramentas mais trabalhosas ou sofisticadas.

O verdadeiro PMP não planeja aula, não prepara lição e zomba, com refinadíssimo sarcasmo, do colega caprichoso que se orienta por um roteiro (TAHAN, 1966).

Malba Tahan ressalta os ensinamentos da Prof^a. Irene de Mello Carvalho:

A aula não pode ter como tema central assuntos irrelevantes, questiúnculas bizantinas, aspectos secundários do programa, de valor meramente informativo. [...] O aluno necessita sentir que valeu a pena assistir aquela aula (TAHAN, 1966).

4.2. Professor e o roteiro da Aula

Como deve agir o professor. A consulta ao roteiro. A maneira de consultar o roteiro. Como agem os professores nulos, rotineiros e despreparados (TAHAN, 1966).

O autor faz observação sobre o uso de roteiros para aula. A consulta exacerbada indicará, segundo ele, certa insegurança. Ele sugere que a consulta deva ocorrer de maneira discreta e não continuamente. Malba Tahan também tranquiliza o professor afirmando que os alunos percebem, com o tempo, que os professores que usam roteiros são os mais eficientes e esclarecidos.



Atenção: Na época que o livro foi escrito não se usava, por exemplo, os projetores multimídia nas salas de aula. Hoje esta ferramenta é uma aliada do professor, mas a sugestão de não ficar escravo do roteiro continua válida. Além disso, a tecnologia precisa ser utilizada de maneira consciente e planejada (VIEIRA JÚNIOR, ROSSI e SILVA, 2020).

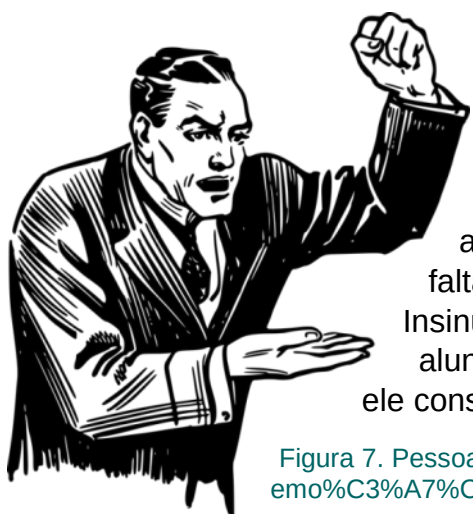


Atividade 4.1: Para o Fórum – “Mapa conceitual da minha aula” você fará, de maneira detalhada, um mapa conceitual sobre a sua aula e escrevendo um breve texto explicando os principais pontos considerados por você. Responda à postagem de pelo menos dois colegas sobre o que você observou de pertinente nas respostas deles, levante semelhanças e diferenças nos mapas mentais. Para lhe ajudar nessa tarefa assista ao

vídeo Mapas Conceituais Aplicados à Educação ([acesse aqui](#)) e também o vídeo tutorial ([acesse aqui](#)) – é apenas uma sugestão, você pode usar outros programas ou ainda fazer à mão e fotografar ou digitalizar. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

4.3. O PMP e as relações sociais

Não procura o PMP manter boa relação com seus superiores. Gaba-se de ter desafeto rancoroso de vários colegas aos quais injúria publicamente, diante dos alunos, sempre que tem oportunidade (TAHAN, 1966).



Segundo Malba Tahan, o PMP não é a pessoa mais doce do mundo. É descuidado e grosseiro, evita relação de amizade com seus chefes e diretores. Chega ao extremo de falta de urbanidade deixando de cumprimentar os colegas. Insinua críticas maldosas contra os companheiros diante dos alunos. O autor cita fala de um professor como exemplo do que ele considera sem noção de ética:

Figura 7. Pessoa irritada. Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/com-raiva-debate-emo%C3%A7%C3%A3o-punho-m%C3%A3o-1294679/>. Acessado dia 02/09/2019.

- Os meus colegas, como são profundamente ignorantes, julgam que eu ensino erradamente. Eu, porém, não dou a menor atenção a essa crítica imbecil dos incompetentes (TAHAN, 1966).

4.4. O PMP no cinema

A figura do PMP foi muito bem representada no cinema, de um modo caricaturado é claro, por Pam Ferris no papel da diretora Agatha Trunchbull no filme Matilda. Trata-se da adaptação de um livro do autor galês de literatura infanto-juvenil Roald Dahl, que, além de Matilda, escreveu outros clássicos como A fantástica fábrica de chocolate e James e o pêssego gigante (ICHIHARA, 2014).

O filme destaca o autoritarismo, os castigos físicos, a intimidação dos alunos, etc. Apesar de um comportamento exageradamente impróprio e explícito. De uma maneira mais discreta (ou nem tanto), não raramente, pode-se observar professores (ou nós mesmos?) com posturas semelhantes nas escolas.

Matilda Wormwood (Mara Wilson) é uma criança brilhante de apenas seis anos, que cresceu em meio a pais grosseiros e ignorantes. Seu pai Harry (Danny DeVito) trabalha como vendedor de carros, enquanto que sua mãe Zinnia (Rhea Perlman) é dona de casa. Ambos ignoram a filha, a ponto de esquecerem de matriculá-la na escola. Desta forma Matilda fica sempre em casa ou na livraria, onde costuma estimular sua imaginação. Após uma série de estranhos eventos ocorridos em casa, quando Matilda descobre que possui poderes mágicos, Harry resolve enviá-la à escola. O local é controlado com mão de ferro pela diretora Agatha Trunchbull (Pam Ferris), o que faz com que Matilda apenas se sinta bem ao lado da professora Honey (Embeth Davidtz), que tenta ajudá-la o máximo possível (ADORO CINEMA, 1996).



Figura 8. Diretora Agatha Trunchbull.

Disponível em <https://www.radiotimes.com/news/2016-09-29/9-fascinating-facts-from-behind-the-scenes-of-matilda/>. Acessado dia 02/09/2019.

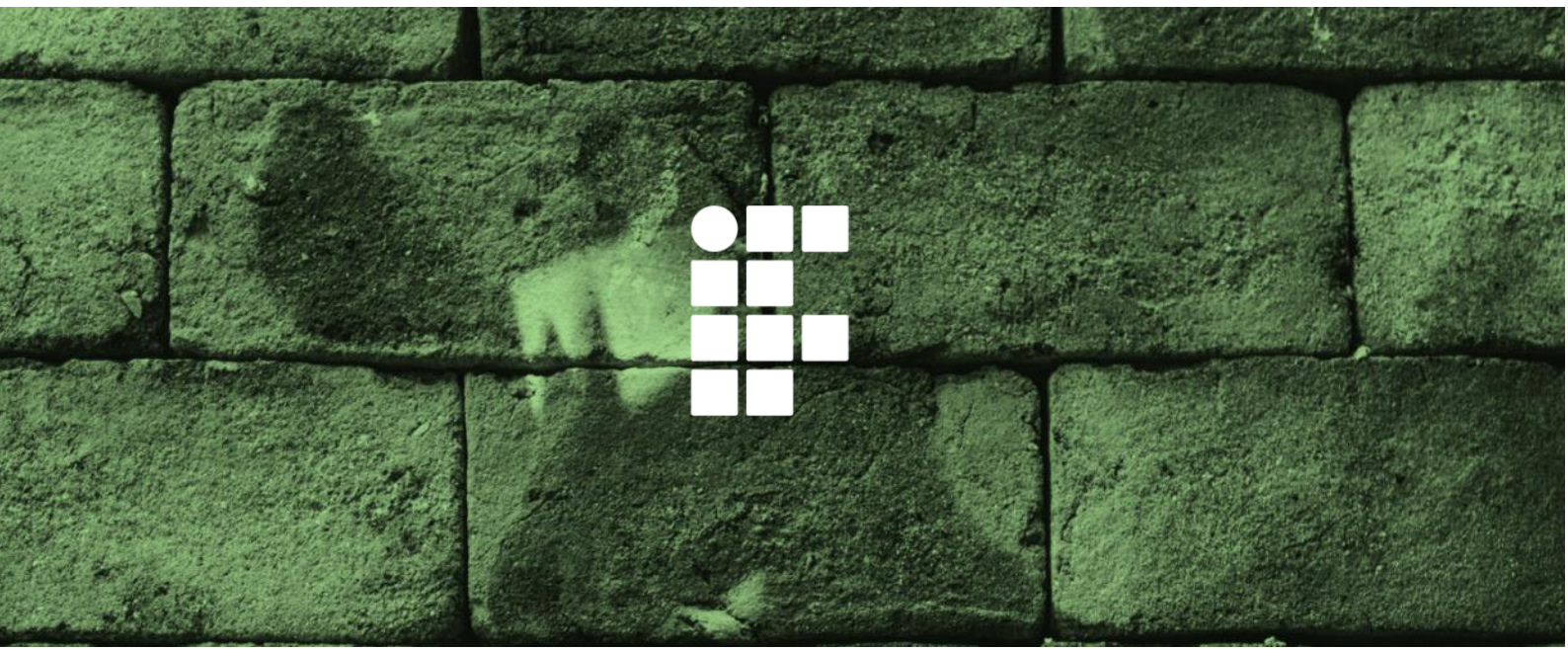


Mídias digitais 4.2: Vá até a sala virtual e assista ao *trailer* Matilda. Recomenda-se que (re)veja o filme completo.



Atividade 4.2: No fórum – “PMP no Cinema” 1) Escreva no mínimo três atitudes da Agatha Trunchbull que você já observou presencialmente alguma vez, ainda que de uma maneira mais sutil. 2) Reflita algo que você já tenha feito, quiçá em um lapso de raiva, que tenha algo em comum com a personagem (comente no fórum apenas se você se sentir confortável). 3) Agora faça você o contrário, indique o nome de um filme que possua um exemplo de um bom professor, justifique as características desse professor que motivaram a sua indicação. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

Até a próxima semana!



Objetivos

Discutir sobre a impontualidade e a atividade improdutiva do PMP.



Mídias digitais 5.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – “O professor improdutivo”.

Continuamos a ler sobre mais alguns tópicos levantados por Malba Tahan, agora referentes à assiduidade e pontualidade, a atividade improdutiva do mau professor, o professor sabatineiro e os dois extremos deploráveis do PMP.

5.1. Assiduidade e pontualidade

Aprimorado, ao extremo em seus atributos negativos, o PMP não é assíduo e também não é pontual (TAHAN, 1966).



Figura 9. Charge sobre ausência de professores. Disponível em <http://www.rizomas.net/charges-sobre-educacao.html>. Acessado dia 07/09/2019.

O PMP é faltoso e impontual. Mata a aula sempre que tem oportunidade. O desrespeito com o tempo do outro demonstra uma falta de empatia descomunal. Quando vamos ao médico, dentista, etc. Ficamos mais impacientes quanto mais o atraso vai se alongando.

Imagine que você é fã de uma famosa banda de rock, está com ingresso comprado e bem na hora do concerto, é avisado que o vocalista da banda faltou. Obviamente você se sentiria lesado por aquela situação. Com a aula é a mesma coisa, a diferença é que você não é um vocalista de banda de rock e seus alunos não serão seus fãs se você falta e não tem a preocupação de avisá-los.

Malba Tahan explica que o PMP é impontual em todas as atividades do ciclo docente: na correção e devolução de tarefas e provas, na entrega de documentos, etc.



Atenção: Há uma ressalva quanto ao professor que é impontual porque seu horário é perturbado por fatores alheios à sua vontade. Por exemplo, porque leciona em colégios diferentes e não houve a possibilidade de articular bem o horário. Ainda, no caso de algum imprevisto.

Cheguei atrasado para a aula - Posso compensar ficando uns minutinhos a mais? Não! Há aulas posteriores que seriam prejudicadas, ou mesmo o intervalo de descanso para o aluno. Aliás, Malba Tahan explica, o PMP adora atrasar também o término da aula.

5.2. Atividade improdutiva do mau professor

Sempre que tem oportunidade, o PMP emprega parte da aula (ou mesmo a hora integral da aula) em atividade inteiramente alheia ao ensino e totalmente inútil para os alunos (TAHAN, 1966).

Segundo o autor, o PMP gasta dez ou quinze minutos da aula para fazer uma lenta e enervante chamada nominal. Destilará ainda uma série de observações sobre os alunos, perguntas pessoais, muitas delas impertinentes e constrangedoras. O PMP que, propositalmente, perde um tempo precioso da aula alongando a chamada da turma, é, em geral um professor do “tipo tagarela”. Nesse trecho Malba Tahan faz valer-se de uma citação do Dr. Nérici:

TIPO TAGARELA – É o que fala e sem propósito sobre tudo, em todas as circunstâncias. Tem o hábito, às vezes, de discutir em classe as opiniões de outros professores,

seus colegas, para também dar a sua... Os alunos costumam explorar esta facilidade de falar do professor, pedindo a sua opinião a respeito dos fatos mais banais, enquanto os minutos da aula vão correndo... Esse professor acaba sempre desacreditado entre os seus alunos (TAHAN, 1966).

Hattie (2017) discorre sobre o fato de que as aulas geralmente são dominadas pelo discurso do professor. Ele defende que a proporção entre o que se fala e o que se escuta deve ser transformada em falar menos e escutar mais. Estudos experimentais apontaram que os professores falam entre 70 a 80% do tempo da aula. Quando ocorre interação com o aluno, frequentemente, segue um padrão de “Iniciação” pelo professor, “resposta” do aluno, “avaliação” do professor. Essas trocas de palavras fomentam resultados cognitivos de baixo nível, uma vez que a “iniciação” geralmente conduz a respostas mecânicas de recordar ou confirmar alguma informação. Pode ocorrer um coral de respostas de alunos passivamente implicados e psicologicamente ausentes. A ilusão de diálogo é um combustível para o professor prosseguir com o monólogo. Segundo o autor, estudos indicam que poucos professores, menos de 5%, desenvolvem interações em grupo ou professor-aluno com discussões significativas de ideias.



Figura 10. Menino falando no microfone. Fotografia de Jason Rosewell. Disponível em <https://unsplash.com/photos/ASKeuOZqhYU>.



Mídias digitais 5.2: Assista ao Vídeos humorísticos – “Diferentes tipos de professores” do canal humorístico Parafernália ([vídeo](#)) e o “O professor angolano” ([vídeo](#)).

Malba Tahan aponta três grandes inconvenientes da chamada inicial. Primeiro a inerente perda de tempo. Segundo o inconveniente o efeito de desmotivação dos alunos: ainda que seja por número e rápida, para ele o início da aula é um momento especial em que o professor dispõe para motivar os alunos sobre a importância do conteúdo da aula. E ainda, finalmente, a chamada inicial seria um prato cheio para o professor falastrão perder grande parte do tempo da aula.

O autor sugere a “chamada negativa”. Um aluno assistente, merecedor de tal confiança, assinalaria, no último minuto da aula, os alunos faltosos do dia. A contagem do número de alunos, feita pelo professor, corrigiria qualquer engano do líder.



Atenção: Atualmente, algumas escolas dispõem de sistema eletrônico de controle de frequência. O controle pode ser feito na entrada da escola ou na sala, por meio de aplicativos. É preciso estar atento para que o uso da ferramenta tecnológica não seja uma mera migração do papel para a tela, e permanecendo um pretexto para se gastar vários minutos da aula com essa atividade.



Atividades 5.1: No Fórum – “Controle de frequência”, discuta sobre o desperdício de tempo na sala de aula. Descreva qual método você usa para fazer o controle de frequência. Quanto tempo em média você gasta com essa tarefa? Quando faz a chamada, início, meio ou fim da aula? Existe alguma estratégia que poderia aplicar de modo a reduzir a perda de tempo? Esta atividade não está no “Meu portfólio”.

5.3. O professor sabatineiro

O PMP pode esquecer de tudo, menos de passar sabatinas para os seus alunos. A sabatina é, em geral, um simples pretexto para não dar aula (TAHAN, 1966).

O professor encontra meios de dar serviço aos alunos com o único propósito de ficar sem aula. Malba Tahan se refere a sabatina como uma quantidade exagerada de atividades, ele versa em especial sobre as provas. Quanto mais os alunos estão ocupados com esse tipo de atividade, mais cômodo o trabalho do professor.

Malba Tahan conta um caso de um professor que aplicava semanalmente provas, mas nem as corrigia. Jogava fora por cima de um muro próximo da escola.

Há outras estratégias para se esquivar do “dar aula”. Passar um trabalho, para os alunos pesquisarem e apresentem na forma de seminários no lugar da aula, considerando o conteúdo como ensinado, segundo o autor, é um clássico! O professor pode demandar resumos de capítulos, obviamente isso precisa ser feito no horário do que seria uma ou muitas aulas.



Atenção: Aqui não se trata de uma metodologia de ensino e aprendizagem que envolva a apresentação de seminários. O assunto do texto é sobre o uso malicioso de atividades para propositalmente desperdiçar o tempo da aula.

5.4. Dois extremos deploráveis do PMP

O PMP é levado a dois extremos: pode se apresentar aos alunos como verdadeira mãe extremosa, ou como um pérfido reprovador (TAHAN, 1966).

O PMP pode ser do tipo que dá notas ótimas aos alunos, ciente de que é relapso e não ensina coisa alguma. Conta as questões que irão ser cobradas na prova, é conivente com meios fraudulentos de obtenção de resultados favoráveis (vulgo cola). Esse professor age de modo a evitar qualquer esforço extra ou “amolação”.

Outro extremo é, segundo Malba Tahan, o professor que também não ensinou nada, mas exige a matéria do programa e reprova a turma inteira. Enfrenta os alunos com rancor, reprova por vingança e capricho.

O autor atribui à alta taxa de reprovação um sinal de que houve um erro no processo de ensino e aprendizagem. Nesse ponto, ele cita o Prof. Lauro de Oliveira Lima:

O normal é o aluno aprender. Reprovar é sintoma grave de infecção pedagógica que pode ser proveniente de várias causas, inclusive do próprio professor (TAHAN, 1966).



Atividades 5.2: No Fórum – “Objeto e a aula expositiva”, selecione a imagem de um objeto que para você representa a aula expositiva. Em seguida, justifique a escolha, descreva as características, os sentimentos que relacionam o objeto escolhido e a aula. Comente a postagem de pelo menos dois colegas de curso, indique sua opinião sobre o objeto selecionado, adicione características e sentimentos que lhe parecem pertinentes. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

Até a próxima semana!

Objetivos

Reforçar o papel da ciência no desenvolvimento do conhecimento. Apresentar Aprendizagem Visível e o efeito Dunning-Kruger.



Mídias digitais 6.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – “O professor e a ciência”.

6.1. Refutar é preciso

Refutar a ciência não se refere aqui a renegá-la, a sobrepô-la com opiniões. De fato, essa semana centra-se no oposto disso: na necessidade de, enquanto docentes, apoiarmo-nos na ciência para as nossas escolhas profissionais, enriquecermos nossos *Gestalts*, termos consciência da possibilidade de falha da nossa memória, da superestimação dos nossos conhecimentos, da parcialidade na interpretação do “real”.

No livro *Ciência com Consciência*, Edgar Morin (1990) discorre sobre a complexidade da ciência e a “refutabilidade” de suas teorias. Segundo o autor a teoria já nasce concebendo em si a possibilidade de ser refutada, do contrário não seria ciência, seria dogma. Ainda, segundo o pensador:

A evolução da ciência se torna uma seleção natural onde as teorias resistem um tempo não porque elas são verdadeiras, mas porque elas são melhores adaptadas ao estado contemporâneo de conhecimentos (MORIN, 1990, p. 22).

A ciência não é estática, o mecanismo fundamental de sua evolução perpassa pela refutação e a proposição de novas teorias. Ambas as ações requerem um processo metodológico criterioso e compõem igualmente o fazer científico (MORIN, 1990).

A ciência não tem verdade, não existe verdade científica, há verdades provisórias que se sucedem, onde a única verdade é aceitar essa regra e essa investigação (MORIN, 1990, p. 53).

O fato de as teorias científicas não serem verdades absolutas as mantém em uma posição sempre questionável pelo método científico. A opinião, ela é subjetiva e pode ser motora no levantamento de hipóteses, porém ela não é comparável diretamente com o saber científico.



Atenção: No processo de formação docente é uma etapa fundamental a considerar, entender e refletir sobre as opiniões e crenças. Mas, identificando conflitos e contradições para, em seguida, adquirir competências profissionais. Isso ocorre considerando o conhecimento científico. Reveja a Figura 1. Elementos para a transformação de conhecimentos, experiências e sistemas de crenças prévios na competência profissional na formação de professores. Traduzido e adaptado.

A internet deu voz a muitas pessoas e as opiniões delas ganharam capilaridade de divulgação, adeptos e força. Algumas vezes, essas opiniões se confrontam com a ciência e desse encontro surgem aberrações: um historiador faz uma análise dos conflitos tribais que ocorrem no sul do território do Sudão, em seguida um jovem de dez anos postaria uma resposta no *twitter*, “eu não concordo”. A emissão de opiniões, sem formação ou experiência, superficial e descontextualizada, ocorre em diversas áreas profissionais, e na área da educação isso não seria diferente. No ensejo do ambiente virtual, a Figura 12 é um meme que representa o confronto entre ciência e opinião.



Figura 11. Meme Ciência versus opinião.

Humildade para saber que a gente não sabe todas as coisas, humildade para saber que eu preciso estar permeável àquilo que eu tenho que alterar. Insisto, não é tudo que eu altero, mas aquilo que é preciso alterar, eu tenho que fazê-lo [...]. O arrogante costuma dizer o seguinte - tem dois modos de fazer as coisas: o meu ou o errado [...]. fingir que sabe é uma tolice imensa em um mundo de mudança, fingir que sabe te deixa despreparado (CORTELLA, 2018).



Mídias digitais 6.2: Vá até a sala virtual e assista ao Vídeo - “Como identificar gente arrogante” do Cortella (2018).

6.2. Efeito Dunning-Kruger

O efeito Dunning-Kruger foi estudado por dois psicólogos da Universidade de Cornell, chamados David Dunning e Justin Kruger. Eles publicaram o um artigo intitulado “*Unskilled and Unware of it: How difficulties in recognizing one’s own incompetence lead to inflated self-assessments*”⁵ (Sem habilidade e não consciente: como as dificuldades em reconhecer a própria incompetência levam a autoavaliações infladas). Nesse estudo, observou-se a superestimação de conhecimentos e habilidades, “superioridade ilusória”, que ocorre devido à incapacidade de avaliar o próprio desconhecimento ou despreparo (COSTA, 2019).

Em essência, argumentamos que as habilidades que geram competência em um determinado domínio são muitas vezes as mesmas habilidades necessárias para avaliar a competência nesse domínio (KRUGER e DUNNING, 1999).

Em lado oposto, o mesmo efeito aponta que pessoas com maior conhecimento tendem a ter menos confiança devido à consciência da complexidade do tema, ou simplesmente porque são mais capazes de avaliar o tanto que não sabem (KRUGER e DUNNING, 1999). O matemático e filósofo Bertand Russell tem uma frase famosa que vai de encontro ao efeito: “*o maior problema do mundo moderno é que as pessoas preparadas e capazes*

⁵ Artigo Unskilled and Unware of it: How difficulties in recognizing one’s own incompetence lead to inflated self-assessments ([clique aqui](#)).

estão sempre cheias de dúvidas, enquanto as desinformadas e incapazes estão sempre cheias de certezas”.

Hancock (2017) cita um estudo da Universidade de Yale em que embora a maioria das pessoas não soubesse quase nada sobre nanotecnologia, pouquíssimas hesitavam em opinar se os benefícios dessa tecnologia compensavam os riscos.

Uma mente ignorante não é vazia, e sim repleta de ideias preconcebidas, experiências, fatos, intuições, vieses e pressentimentos (*Gestalts?*), além de conceitos que importamos de outras áreas do conhecimento. Com tudo isso, construímos histórias e teorias que nos dão a impressão de serem um conhecimento confiável (HANCOCK, 2017).



Mídias digitais 6.3: Vá até a sala virtual e assista e assista ao vídeo com breve explicação sobre o efeito Dunning-Kruger.

6.3. Aprendizagem Visível

A Aprendizagem visível é desenvolvida pelo Laboratório de Aprendizagem Visível da Universidade de Auckland na Nova Zelândia, chefiado por John Hattie. O estudo apresentado por ele é baseado em mais de 800 metanálises de 50.000 artigos científicos e envolve mais de 240 milhões de alunos. Em Aprendizagem Visível é apresentado o cálculo de Tamanho de efeito (d), Equação 1, como um método útil para comparar resultados de diferentes intervenções, ao longo do tempo e/ou entre grupos (HATTIE, 2017).

$$\text{Tamanho de efeito} = \frac{\text{Média (final)} - \text{Média (inicial)}}{\text{Dispersão (desvio padrão)}} \quad (1)$$

A Figura 13 é um gráfico da distribuição dos Tamanhos de efeito (d) das metanálises do laboratório de Aprendizagem Visível.

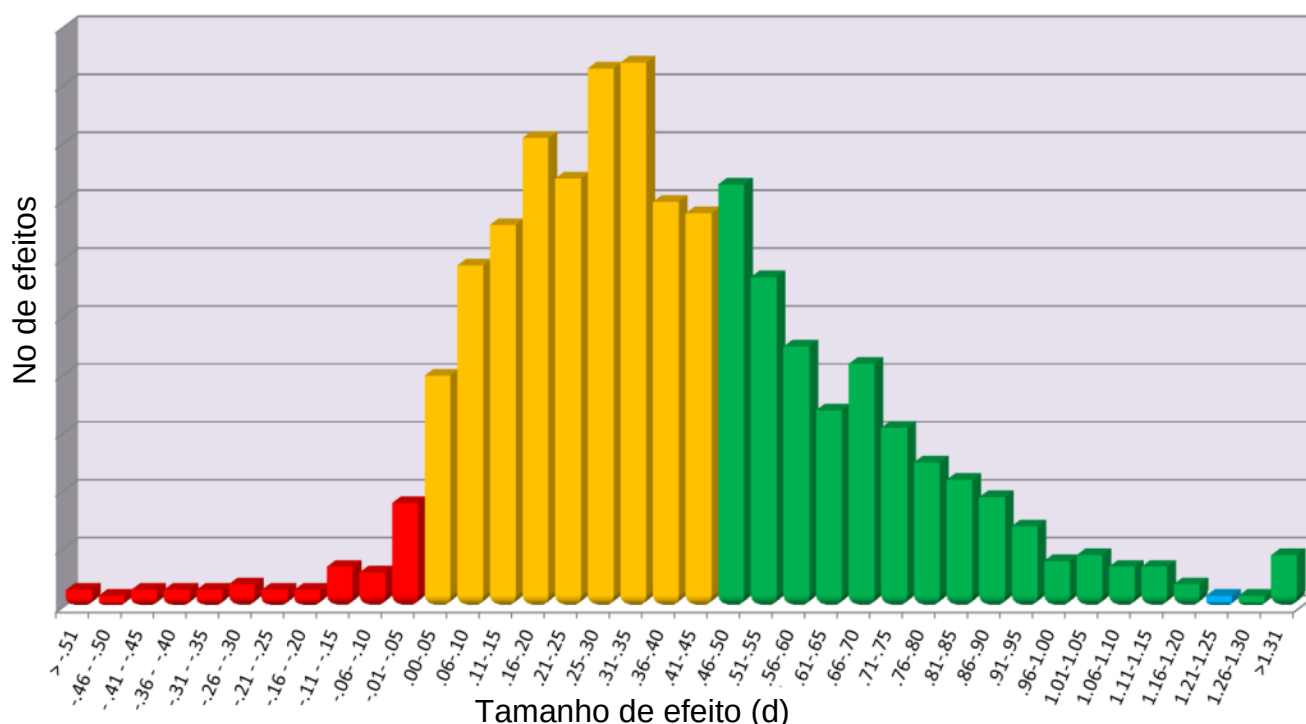


Figura 12. distribuição dos tamanhos de efeito das metanálises do laboratório de Aprendizagem Visível. (HATTIE, 2020). Traduzido pelo autor.



Atenção: É preciso uma avaliação profunda sobre os resultados. Uma ação com um tamanho de efeito pequeno, mas que exija poucos recursos, pode ser significativa (HATTIE, 2017).

Observa-se que poucos estudos apresentam ações e condições (por exemplo, punição corporal em casa, mudança entre escolas, depressão) cujos tamanhos de efeito têm valores negativos, apresentados em vermelho na Figura 13. Segundo Hattie (2017) a conclusão mais importante que se pode extrair da imagem é que “tudo funciona”, se o critério de sucesso é “melhorar o resultado”, portanto mais de 95% de todos os tamanhos de efeito em educação são positivos.

Nesse sentido, segundo o autor, o resultado de que os alunos aprenderam alguma coisa com uma determinada ação é trivial. Nesse caso a linha de corte está em $d = 0,0$ e qualquer valor positivo de efeito está sendo considerado aceitável, por mais baixo que ele seja. Surpreendente seria se os alunos não tivessem aprendido nada.

Alguns artigos com inovações na sala de aula advogam bons resultados, sem nem mesmo observar se a aprendizagem é de fato mais eficiente se comparado à aula expositiva (que geralmente está sendo criticada no artigo). Não é intenção do Hattie que se faça uma análise simplista do resultado numérico, mas admite que haja um ponto de inflexão, que é valor da média $d = 0,40$, para determinar o que é e o que não é efetivo (HATTIE, 2017).

Santos, Reis e Silva (2020) utilizaram o método quantitativo de verificação da aprendizagem visível a uma proposta pedagógica de uso de materiais manipulativos aplicados ao princípio de conservação da massa nos balanços siderúrgicos, por meio do desmembramento de representações em bolas de isopor das estruturas dos componentes do minério, dos metais e da escória. O Tamanho de efeito (d) calculado para as três turmas foi de $d = 0,63$, considerado por Hattie na zona de efeitos desejáveis. Além disso, os autores observaram que, embora as médias das notas finais das duas turmas diurnas fossem maiores que a média das notas finais da turma noturna, o Tamanho de efeito (d) na aprendizagem foi maior nessa última. Constatou-se que os alunos do noturno partiram com um conhecimento prévio menor no assunto e depois tiveram um salto de aprendizagem mais alto, conforme verificado na segunda avaliação. A diferença de aprendizagem entre alunos dos dois turnos foi contrastada e justificada por diferença nos perfis dos alunos e também pela diferença nos resultados de estilos de aprendizagem verificados por meio do Novo Índice de Estilos de Aprendizagem (N-ILS).

Segundo Hattie (2017), a vantagem em se utilizarem os Tamanhos de Efeito convida os professores a pensar sobre o uso de avaliações para auxiliar a estimar o progresso dos alunos e para reformular o ensino, de forma a adequá-lo melhor ao indivíduo ou a grupos de alunos. Essa prática faz com que os professores levem em conta os motivos pelos quais alguns alunos progrediram e outros não, como uma consequência do seu ensino.

Os professores devem ver a aprendizagem através dos olhos dos alunos, e os alunos devem ver o ensino como a chave para sua aprendizagem contínua. Quando os alunos se tornam seus próprios professores, exibem os atributos autorregulatórios que parecem mais desejáveis para aprendizes (automonitoramento, autoavaliação, autoanálise e autoensino). O ato de ensinar exige intervenções deliberadas para garantir que ocorram mudanças cognitivas no aluno (HATTIE, 2017).



Atividades 6.1: Na sala virtual responda ao Questionário “Tamanho de efeito”. Siga a sua intuição em avaliar o que impacta na aprendizagem dos alunos. Esta atividade não é avaliativa mas é obrigatória no contexto do curso.



Atividades 6.2: No Fórum “Aprendizagem visível” você discutirá com os colegas quais os resultados do Questionário anterior te surpreenderam. Selecione um tópico do questionário e pesquise um artigo científico sobre ele. O estudo pode trazer uma perspectiva e resultados que corroboram ou contradizem os resultados de Hattie (2017). Cuidado para emitir opinião em vez de um argumento com embasamento científico. Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”!

Até a próxima semana!

Objetivos

Estudar a rotina do PMP, a sua resistência à capacitação e às mudanças em geral, visão crítica sobre a inovação escolar a partir do conceito de modernidade líquida cunhado por Zygmunt Bauman.



Mídias digitais 7.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – “A aula dos concursos - prova didática”.

7.1. Programa incompleto da matéria

Em relação ao programa da matéria que vai lecionar o PMP não toma conhecimento. De um modo geral ele não cumpre o programa: leciona apenas uma parte dele (TAHAN, 1966).

Malba Tahan explica que o PMP não tem compromisso com o cumprimento do programa. Ensina apenas a parte que lhe convém, que ele julga mais interessante. Para ele, esse comportamento advém de uma espécie de “*harbeas-corpus*” – o professor não cumpre o seu dever, mas não recebe punição por isso.

Governamentalmente, institucionalmente, existe um esforço grande para se determinar as componentes curriculares dos cursos. Quando o professor não cumpre a parte que lhe cabe, a formação do aluno fica defasada respeito ao que estava planejado.

Os professores de disciplinas que são sequência na formação do aluno terão dificuldade, até mesmo de cumprir o programa, porque os alunos não possuem os conhecimentos prévios que deveriam ter sido ensinados pelo PMP.



Figura 13. Malba Tahan. Disponível em www.malbatahan.com.br. Acessado dia 02/09/2019.

7.2. O livro texto e a incultura do PMP

O PMP procura conhecer, apenas, o livro texto que é adotado em sua classe. Não lê outros livros, artigos ou revistas. Para o PMP é perda de tempo (TAHAN, 1966).

Sobre Malba Tahan, é sabido por sua biografia, que foi um homem muito culto. Ele cita diversos poetas brasileiros em suas obras. Cabe lembrar o seu apreço pela cultura árabe: foi capaz de compor a biografia do pseudônimo Malba Tahan e escrever diversas histórias de países que nunca visitou.

Nesse sentido, ele despeja duras críticas ao PMP que, segundo ele, não frequenta bibliotecas, não estuda e não procura melhorar sua cultura, para ele é inconcebível a ideia de que se deve estudar sempre.

Cursos, conferências, mesas redondas sobre assuntos educacionais, nada interessa ao PMP – É o primeiro a criticar as reuniões pedagógicas sem fazer nenhuma proposição para melhorá-las.

Malba Tahan completa com a citação do filósofo francês Barão de Gerando.

Em todas as atividades, relacionadas a vida, quando a privação se faz sentir, gera a necessidade, o desejo, a procura. Em matéria de instrução não é assim. Quanto menos se possui menos se busca. Quanto mais instrução, pelo contrário, se tem, mais sensível nos é a precisão de instruímo-nos (TAHAN, 1966).

Quatro versos de Adelmar Tavares:

*Ó Mundo! Ó Mundo! Ó meu Mestre
Muito me ensinas viver
E quanto mais me ensinas
mais eu vejo que aprender.*

7.3. A rotina e o mau professor

O PMP é intransigente e procura repelir, sem a menor vacilação, qualquer sugestão de um colega sobre novo procedimento didático. Ensina o que aprendeu e como

aprendeu. Mantem-se sempre rotineiro e atrasado (TAHAN, 1966).

O mau professor tem predileção pelo estático. Detesta inovações, pois qualquer alteração exige esforço, estudo, observação. É mais cômodo ficar na velha rotina. O PMP geralmente adota um método obsoleto que ele denomina “meu método”. Se demandado que explique o tal método, ele será incapaz de explicar.

Malba Tahan apresenta um diálogo em que um PMP diz: *“quanto ao meu trabalho, dispenso inteiramente os palpites desses chamados didatas. Tenho vinte e um anos de prática”*. Em seguida ele foi corrigido por outro professor: *“Parece-me que o senhor está enganado nessa conta. O senhor tem um ano de prática e vinte de repetição”*.

Antes de finalizar o texto da semana, agora já que estudou algumas características e comportamentos do PMP, façamos um reforço no objetivo do curso: dar consciência sobre o que é ser mau professor, para, por meio do contraste, termos firmeza em nossas escolhas e práticas com bons professores.

Dessa forma, é proposta a leitura do texto complementar *“Como ser um cachorro obediente”*⁶: O texto inicia com um cachorro que se questiona se ele é ou não obediente. Logo ele percebe que não consegue ter consciência disso, porque nunca teve a oportunidade de desobedecer. Ele não sabe o que é um portão aberto porque nunca o viu abrir, e, dessa forma, ele também é incapaz de reconhecê-lo fechado.

O animal vive em um mundo cercado, restrito. O desconhecimento dos polos antagônicos das coisas, a falta de contraste, o leva a um estado mental incapaz de discernir o que é um portão, se ele possui vontade de fugir, se ele é livre, o que é ração, inclusive se ele próprio, é mesmo um cachorro.

⁶ O texto possui relação com as obras *Discurso Sobre a Servidão Voluntária* de Etienne de La boétie e *O Discurso do Método* de René Descartes.



Imagem de <http://www.pexels.com>, acessado dia 15/09/2019.

Texto complementar: Como ser um cachorro obediente

A obediência implica a existência da possibilidade da desobediência. Só obedeço se eu puder desobedecer: e podendo desobedecer, escolho não o fazer.

A obediência repousa sobre uma ordem, um pedido. Não fuja pelo portão! Mas se o portão estiver sempre fechado nunca poderei obedecer ou desobedecer. Nem um, nem outro.

A vontade de passar pelo portão só pode existir depois que se vê o portão aberto pela primeira vez. Querer escapar por um portão que nunca se há visto abrir é impossível: não saberia o que é um portão, tampouco o que é uma abertura de portão. Sem conhecer a existência do lá fora, não me faz sentido pensar que estou dentro de algo.

É um estar preso, sem poder sabê-lo. A prisão só existirá a partir da consciência da liberdade maior que essa que possuo. É preciso saber que existe um portão que abre, e que me é negada a passagem ao exterior. Portanto, um portão que me prende em um interior. Se não existir o portão: eu sou livre.

**Se não existir o portão:
eu sou livre.**

A preferência nasce da opção e da liberdade por optar. Não posso preferir essa ração se ela é a única que me é oferecida. Aliás, suspeito ser a mais barata dentre elas. Só saberei, se o portão estiver aberto, se eu fugir até a loja de ração e lá encontrar a loja e outras rações. Ainda saberei o que são rações se existirem comidas não-rações.

Sou um cachorro que não escolheu ser cachorro. Não sei se sou um igual ou um diferente. O muro é alto e nunca vi outros. Ser cachorro implica não ser outro animal. Mas o que é ser outro animal e o que é ser cachorro? Só poderei ser cachorro se existirem não-cachorros.

Como ser um cachorro obediente que não tem vontade de fugir? Não sei o que é portão, abertura de portão, se há um dentro e um fora. Não sei se a ração é preferida e sequer se ela é ração. Não sei se sou cachorro ou não-cachorro. Só me resta mijar na primeira suspeita de portão.

Jefferson Silva | 13 de agosto de 2019.

7.4. Modernidade líquida

Agora faremos um parêntese, saindo da abordagem do indivíduo e passando para as mudanças na sociedade. Sabe-se, por exemplo, que quando o livro se popularizou com a utilização das prensas, ele sofreu duras críticas. Dizia-se que as pessoas estavam se isolando do mundo real para “viver” um mundo fictício. Que o livro era incapaz de transmitir o conhecimento na mesma plenitude que a expressão oral (BAUMAN, 2001). Hoje, tais pensamentos sobre os livros nos soam estranhos, até mesmo bizarros.

A sociedade contemporânea segue um ritmo de mudanças acelerado. O indivíduo e as instituições se veem pressionados à atualização constante. O medo da mudança deu lugar ao medo do descarte: perder o valor por estar desatualizado. Ficar velho assusta. Zygmunt Bauman faz uma análise interessante, introduzindo o conceito de modernidade fluida.

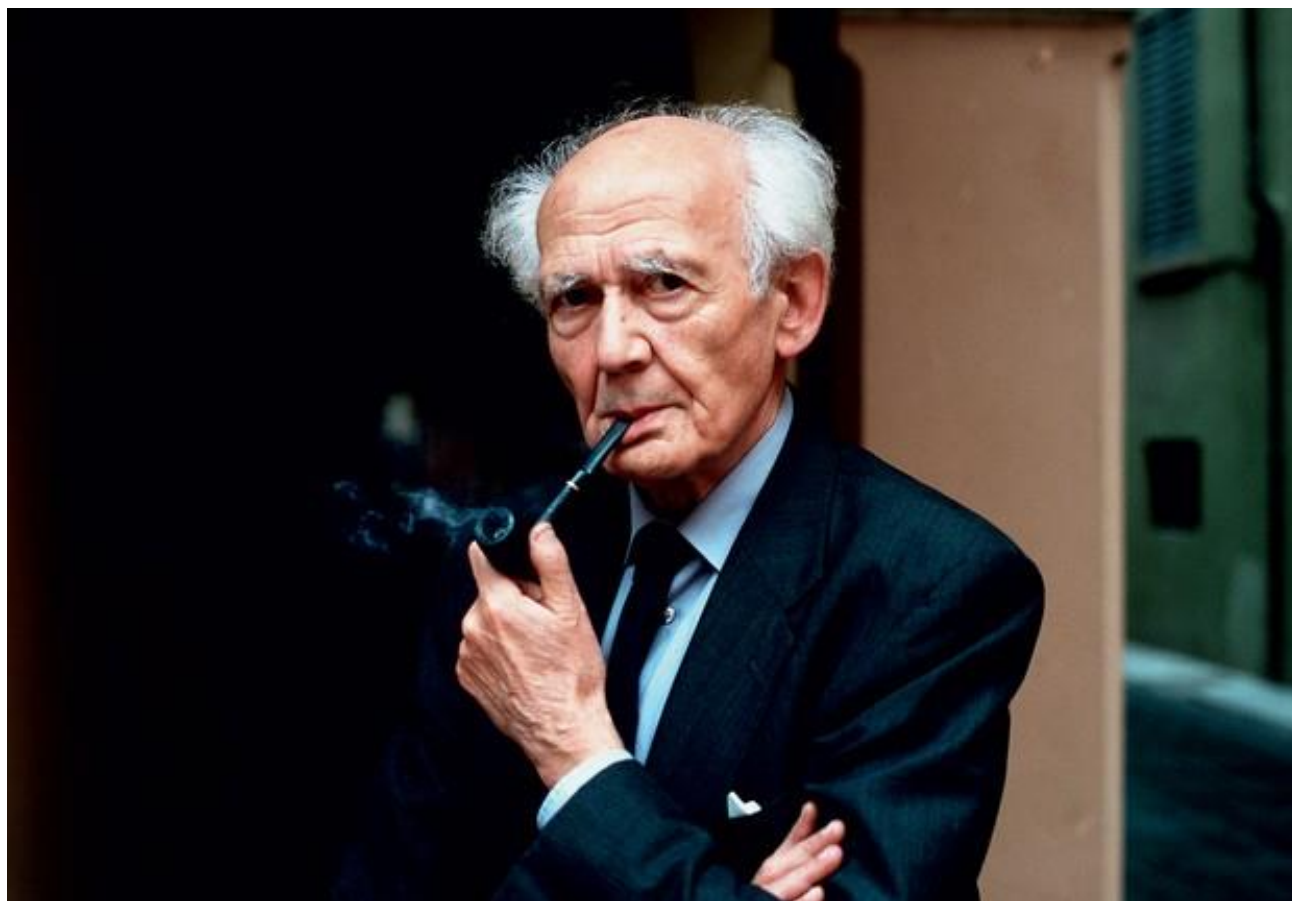


Figura 14. O professor Zygmunt Bauman. (Foto: Leonardo Cendamo/AFP). Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/zygmunt-baumanb-vivemos-o-fim-do-futuro.html>. Acessado dia 03/09/2019.

Na educação esse efeito é sentido: diariamente surgem metodologias novas, que se tornam obsoletas com a mesma velocidade com que surgiram. O professor sente a necessidade de “evoluir”, migrar para outro método, mesmo sem ter tido tempo de

conhecer e de dominar a metodologia anterior. Os sistemas informáticos de gestão escolar são trocados antes que a implementação tivesse sido completada. A novidade é valorizada por ser nova, o juízo muitas vezes não chega à análise do real benefício da mudança.

O sociólogo polonês radicado na Inglaterra Zygmunt Bauman (faleceu em 2017) é um dos intelectuais mais respeitados e produtivos da atualidade. [...] Ele esmiúça aspectos diversos da “modernidade líquida”, seu conceito fundamental. É assim que ele se refere ao momento da História em que vivemos. Os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”. [...] **ISTOÉ – Como fica o futuro nesse contexto de constantes mudanças?** Zygmunt Bauman – Nossos ancestrais eram esperançosos: quando falavam de “progresso”, se referiam à perspectiva de cada dia ser melhor do que o anterior. Nós estamos assustados: “progresso”, para nós, significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração. De não descer ou embarcar a tempo. De não estar atualizado com a nova moda. De não abandonar rapidamente o suficiente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e hábitos que os substituem (PRADO, 2010).

O professor como transmissor de informação cai por terra. A informação está difundida em uma quantidade tão grande que sequer somos capazes de processá-las. Um celular na mão e podemos saber em poucos segundos a capital do país que bem desejamos.

Se a sociedade, a dinâmica da escola mudou, o PMP do contrário é alguém estagnado nesse processo. Isso explica porque um livro de que Malba Tahan escreveu em 1966 é tão atual. Segundo ele, os PMPs não mudam!



Mídias digitais 7.2: Vá até a sala virtual e assista e assista ao Vídeo - “Fronteiras do Pensamento do Zygmunt Bauman” ([vídeo](#)).

7.5. A aula expositiva e a prova didática dos concursos

A aula expositiva, ou aula magistral, é a técnica de ensino mais antiga e difundida na educação ao nível do ensino universitário. Ela nasceu com a própria universidade,

recolhendo e desenvolvendo a técnica de *lectio*⁷ utilizada nas escolas catedrais e monacais (RIBEIRO, 2007).

Brown (1895 *apud* RIBEIRO, 2017) define a aula expositiva como “Uma exposição que consiste numa pessoa que fala para muitas sobre um tópico ou tema. A fala pode ser complementada pelo uso de recursos audiovisuais e por perguntas ocasionais”. De acordo com o autor, os principais objetivos de uma aula expositiva são: transmitir informações, gerar compreensão e estimular o interesse (sim estimular o interesse segundo o autor).

Quanto às vantagens da aula expositiva, Balcells e Marti (1985) apresentam os seguintes argumentos favoráveis:

1. Economia de tempo, pois permite a transmissão de informações num curto espaço de tempo;
2. Acessibilidade a disciplinas pouco motivantes e de difícil assimilação apenas através da leitura;
3. Aquisição de uma primeira e sintética explicação acerca de um novo campo de conhecimento;
4. Apresentação pelo docente de uma visão mais equilibrada e imparcial, especialmente quando se trata de um assunto polêmico;
5. Necessária quando existem demasiados livros sobre o assunto ou, pelo contrário, quando são escassos;
6. Necessária quando os alunos possuem algumas dificuldades de processamento de informação ou quando aprendem mais a ouvir do que a ler;
7. Possibilidade de o aluno ser motivado pelo professor, quando já possui um profundo conhecimento sobre a matéria (RIBEIRO, 2007, p.191).

Nesse ponto do texto é provável que você já esteja esperando o momento em que se “falará mal” da aula expositiva. O termo é muito usado como sinônimo de aula mal planejada e retrógrada. Um estudo mais aprofundado no assunto demonstra, entretanto, que ela pode sim ser uma escolha pedagógica planejada e consciente.

De fato ela é frequentemente criticada por estimular situações que favorecem aprendizagens do tipo receptivo (de reprodução): transferência de informação e absorção passiva por parte do aluno. Você é então convidado a ler na íntegra o artigo de Ribeiro (2007) “A aula magistral ou simplesmente a aula Expositiva”, no texto são abordadas vantagens e limitações da aula expositiva; as etapas de introdução, desenvolvimento e finalização da aula e, também, aspectos que podem ser considerados pelo docente na sua preparação.

⁷ A *lectio*, como a palavra indica, era a leitura - comentário de um texto escolhido para servir de base ao curso (RIBEIRO, 2007).



Atividades 7.1: Leia o artigo de Ribeiro (2007) “A aula magistral ou simplesmente a aula Expositiva” ([descarregue-o clicando aqui](#)).

Bonini (2009) estudou o concurso público para professor de dez universidades federais brasileiras. Ele constatou que em todas elas havia a etapa de prova didática ou aula simulada e também a prova de títulos. Observou ainda uma maior valorização da prova didática em detrimento da prova de títulos, conforme indica a aplicação de pesos diferenciados das provas para o cálculo da nota final dos candidatos.

Ainda que as próprias provas didáticas recebam críticas enquanto o formato e os objetivos dentro do processo seletivo de docentes, é inegável a sua importância no contexto educacional brasileiro atual. Resgatando o tema aulas expositivas, o Quadro 1 é um Barema de avaliação de prova de desempenho didático que foi utilizado pelo IFMG *Campus* Arcos em 2018, nele é possível observar as etapas da aula, os critérios avaliados pela banca e o valor dedicado a cada um deles. Ele indica, de certa forma, padrões considerados de qualidade para a aula.



Atenção: O objetivo do tópico não é fazer uma apologia à aula expositiva como uma resistência às inovações na educação. É mais no sentido de entendê-la para, então, inovar. Cabe recordar desde aprendizagem visível que nem toda proposta de mudança implica em um tamanho de efeito na aprendizagem significativo, ainda que positivo.

BAREMA DE AVALIAÇÃO DA PROVA DESEMPENHO DIDÁTICO			
Critérios		Valor	Valor atribuído
Plano de aula (10 pontos)	Elaboração, organização e referências bibliográficas	5	
	Adequação dos objetivos ao conteúdo	5	
Introdução (15 pontos)	Exposição dos objetivos da aula	5	
	Aspectos motivacionais	4	
	Referência e conexão com outros conhecimentos	6	
Desenvolvimento (40 pontos)	Segurança e domínio do conteúdo	10	
	Organização lógica e clareza na exposição do tema	10	
	Adequação do vocabulário e termos técnicos	5	
	Abrangência e adequação ao tema	5	
	Utilização de exemplos, analogias e aplicações	5	
	Adequação dos recursos didáticos aos objetivos e ao conteúdo proposto	2,5	
	Utilização, manejo e qualidade de recursos e materiais audiovisuais	2,5	
Finalização (17 pontos)	Capacidade de síntese	8	
	Adequação dos procedimentos de verificação da aprendizagem	3	
	Cumprimento das etapas previstas no plano	3	
	Distribuição adequada do conteúdo ao tempo	3	
Conduta (18 pontos)	Autocontrole	5	
	Dicção e tom de voz	3,5	
	Postura e movimentação	3,5	
	Atendimento à arguição da Comissão	6	
Total		100	

Quadro 1. Barema de avaliação da prova de desempenho didático. Fonte: Edital do IFMG Campus Arcos 2018.



Atividades 7.2: Faça uma autoavaliação das suas aulas, numa perspectiva geral, usando o barema de avaliação da prova de desempenho didático do Quadro 1 disponível no caderno de exercícios “Meu Portfólio”. Guarde esse resultado.



Atividades 7.3: Esta atividade refere-se ao Fórum – “Minha aula”. Planeje uma aula expositiva tendo em mente adquirir a pontuação máxima (tome como base o artigo da Atividade 7.2. Convide dois colegas de trabalho para assistirem a essa aula e peça-os que lhe avaliem também usando o barema (explique-lhes o contexto dessa atividade e peça sinceridade na avaliação deles, use os modelos anexos ao “Meu portfólio”). Antes de ver a nota deles, faça a autoavaliação dessa aula também usando o barema. Você pode solicitar o mesmo a alguns alunos e, se for aula virtual, pode combinar com colegas desse curso através do **Fórum – “Minha aula”**. Nesse fórum você vai: 1) relatar a experiência, 2) contrastar as notas que você mesmo atribuiu para si, e as notas que recebeu. 3) Há algo você modificaria na sua forma de ensinar? 4) Consideraria importante modificar o barema? Não se esqueça de usar o “Meu portfólio”! Na sala virtual há um vídeo, dedicado a explicar essa atividade, intitulado “Como preparar uma aula de concurso para professor” ([ou clique aqui](#)).

Até a próxima semana!

Objetivos

Estudar a severidade e o desrespeito com os alunos e o PMP na música.

8.1. A severidade excessiva com os alunos

O PMP procura tratar os alunos com aspereza e brutalidade. Revela-se, em geral, extremamente severo e tem o prazer sádico de dar grau (nota) zero nos alunos (TAHAN, 1966).

O PMP é grosseiro e ríspido com os educandos. Assinala com prazer a nota zero e gaba-se por isso. Para Malba Tahan essa nota deve ser evitada, ela indica circunstâncias muito especiais em que o aluno deveria ficar sob os cuidados do professor ou do Orientador educacional.



Figura 15. A professora me deu péssimo. Acessado dia 08/09/2019. Disponível em <http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/08/interpretacao-tirinha-mafalda-pronomes.html>.

Malba Tahan critica a tentativa de justificativa – Eu ensino e eles não aprendem! Que fazer! – Ele cita a argumentação de John Dewey:

Não se poderá dizer que alguém vendeu se outra pessoa não houver comprado, como não se pode dizer que se ensinou, se ninguém aprendeu (TAHAN, 1966).



Mídias digitais 8.1: Assista ao Vídeo - “Afetos e Educação” de Viviane Mosé ([acesse aqui](#)) e ao Vídeo - “Henri Wallon: afetividade e inteligência” ([acesse aqui](#)).

8.2. O desrespeito ao aluno

O PMP sempre que se lhe oferece uma oportunidade, procura cobrir de ridículo o aluno que erra. Trata-o com sarcasmo absoluto. Procura deprimi-lo diante dos colegas. (TAHAN, 1966).

O desrespeito passa pela subjugação do contexto familiar, social e econômico do aluno, pela desvalorização do conhecimento prévio do aluno sobre determinado assunto. Passa por comentários maldosos sobre aspectos físicos e piadas sobre o nome do aluno.

O sarcasmo terá um efeito inibidor do aluno como agente ativo no processo de aprendizagem. Malba Tahan deixa o seguinte trecho em no rodapé do livro:

A boa disposição do aluno para com a disciplina pressupõe certa dose de simpatia em relação ao professor, de modo que a simples presença do mestre na aula já é um fator inicial de motivação (TAHAN, 1966).

Nesse sentido acrescento que, o desrespeito do professor pode fazer da presença dele um fator de desmotivação. Isso é muito triste.

[...] no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que são os motores da pesquisa filosófica ou científica (MORIN, 1999).

Vamos fazer uma reflexão: o ato de aprender implica a existência de conhecimentos e habilidades que o aprendiz ainda não os possua. Entre o conhecimento prévio (subsunção) e os conhecimentos que se propõe ao egresso do curso, existe um espaço que corresponde justamente ao que não se sabe, e é que motiva a existência do curso e a aprendizagem em si. Errar é indício de tentativa. Se é esperado que o aprendiz dê passos sobre aquilo que ainda não sabe, é razoável alguns tropeços. No lugar de condenável, em momentos planejados, o erro é desejável no processo de aprendizagem.



Mídias digitais 8.2: Assista ao Vídeo - “Desrespeito: alunos reclamam de professora de ciências” ([acesse aqui](#)) e, para provocar um pouco, assista também ao Vídeo – “Senta e estuda” trecho de uma aula do Prof. Clóvis de Barros Filho sobre a importância de se ler um texto difícil ([acesse aqui](#)).

8.3. O PMP na música



Mídias digitais 8.3: Ouça a música *Another Brick In The Wall* da banda Pink Floyd ([acesse aqui](#)).



Falar sobre a música *Another Brick In The Wall* da banda Pink Floyd, em se tratando de educação, é um tanto clichê, mas chega a ser inevitável! Não citá-la seria uma imprudência dada sua profundidade e pertinência. Cecília Regina Marcolin (2017) faz uma análise do álbum *The Wall*. Leia alguns trechos da música com interpretações referentes a ela.



Figura 16. *Another Brick in The Wall*. Disponível em http://www.ideiademarketing.com.br/wp-content/uploads/2016/05/another_brick_in_the_wall_by_alexmorellon-d4x2kws.png. Acessado dia 04/09/2019.

Muitos pensam que *Another Brick In The Wall* faz críticas ao sistema educacional da época, mas, na verdade, quem Pink Floyd queria atingir eram “certos professores”.

Aqueles “que machucavam as crianças de todas as formas que podiam”, menosprezando qualquer coisa que faziam, aqueles que atormentavam, zombavam os alunos:

“No dark sarcasm in the classroom”
De nenhum humor negro na sala de aula

[...] que diziam como eles deveriam pensar, ao invés de ensinarem a pensar por conta própria.

Esses educadores impõem uma doutrinação, passando a controlar o pensamento dos alunos conforme seus interesses, por isso eles cantam:

“We don’t need no education
Nós não precisamos de nenhuma educação
We don’t need no thought control”
Nós não precisamos de nenhum controle.

Para Weinstein, “o controle de pensamento da escola (*Another Brick In The Wall*) substitui as crenças individuais da criança por visões alheias e padronizadas”. O coral de vozes em tom uníssono, cantado de forma desarmoniosa, mostra tanto a revolta desses alunos como também sua condição de vítimas do controle de raciocínio, do pensar da mesma maneira, conforme o refrão:

“We don’t need no education
Nós não precisamos de nenhuma educação
We don’t need no thought control
Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
No dark sarcasm in the classroom
De nenhum humor negro na sala de aula
Teachers, leave them kids alone
Professores, deixem as crianças em paz
Hey! Teacher! Leave them kids alone!
Ei! Professor! Deixe as crianças em paz!

All in all, you're just another brick in the wall

Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro.

Pink Floyd compôs esse refrão em três compassos em vez de quatro, que é geralmente usado nas canções, quebrando toda e qualquer regra lógica, seja musicalmente, seja racionalmente.

[...] os versos:

"Wrong, do it again!

Errado, faça de novo!

Wrong, do it again!

Errado, faça de novo!

If you don't eat yer meat, you can't have any pudding"

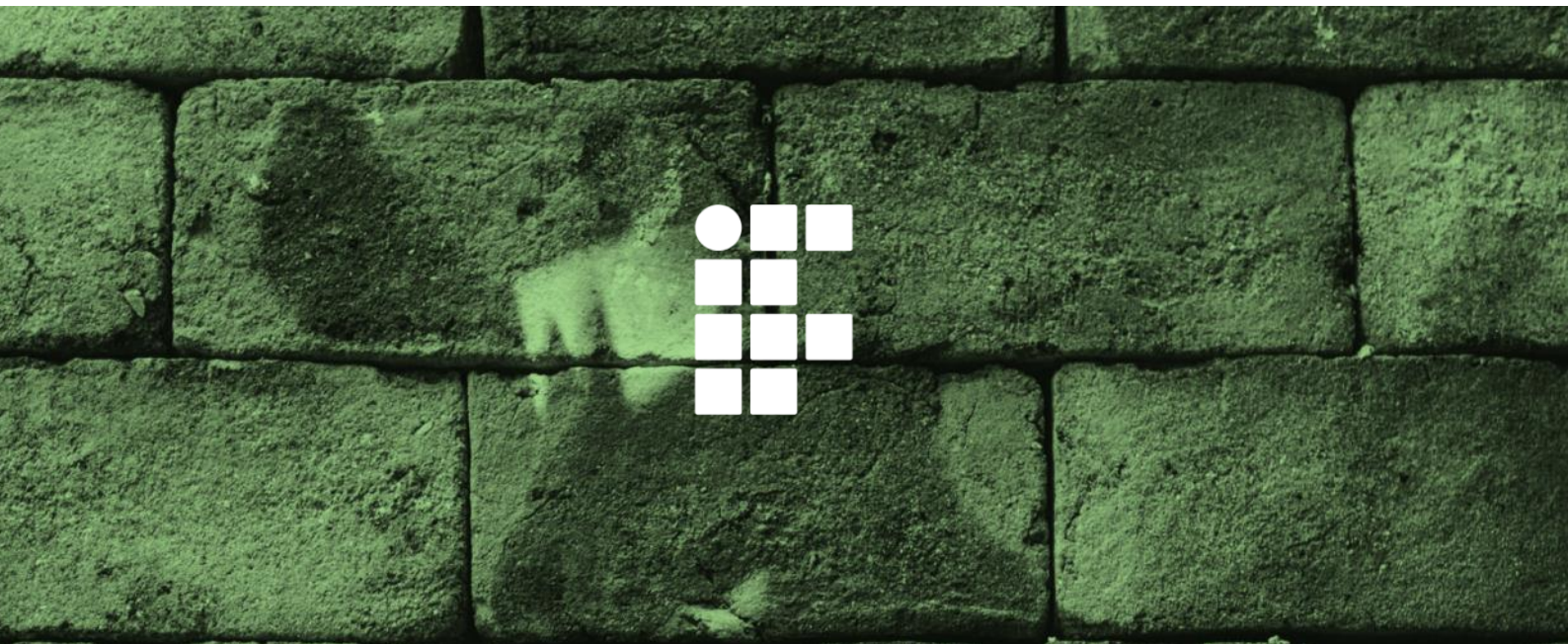
Se você não comer sua carne, não terá nenhuma sobremesa

reforçam a agressão moral e o abuso do poder exercido pelo professor que dita ordens e regras. Se formos adentrar nos danos de propagar o que você vive, podemos constatar que esses alunos vítimas do controle de raciocínio e da violência moral serão um reflexo do professor na fase adulta (MARCOLIN, 2017).



Atividades 8.1: No Fórum “Relação professor-aluno”. Discorra sobre como é a sua relação com os alunos, discuta também sobre o limiar entre ter conversas francas com os alunos (como no vídeo do Clóvis) e o desrespeito. Para esta semana não há atividade no “Meu portfólio”.

Até a próxima semana!



Objetivos

Estudar o professor como uma influência positiva ou negativa sobre o aluno. Reflexionar sobre a aprendizagem no curso.



Mídias digitais 9.1: Vá até a sala e assista ao Vídeo – “Reflexões sobre a aprendizagem”.

9.1. O mau exemplo



Figura 17. Charge sobre valores na educação. Disponível em <http://www.rizomas.net>. Acessado dia 07/09/2019.

O papel do professor como um educador, na perspectiva de formação de homens bons e justos é uma discussão profunda, complexa e sem um consenso: a quem diga que é dever da família prover tal educação, outros acreditam que a escola e os professores têm uma participação importante nessa tarefa.

Achlei (2016) faz seguinte a leitura do estudo do diálogo de Platão, Protágoras:

Protágoras procura defender a sua dama, recorrendo ao mito de Prometeu, para tentar provar que, ao contrário do que Sócrates pensa, os pais não descuidam o ensino da virtude: "Protágoras recorre a uma longa descrição do panorama educativo para provar que o comportamento da família, da escola e da cidade mostra que, desde o início, a vida do homem está marcada por um exaustivo treino no sentido da aprendizagem do mérito. A tal ponto que, concluirá mais tarde, até o mais injusto dos homens, desde que educado numa comunidade que conhece as leis, será um especialista em matéria de justiça se confrontado com alguém que nunca tenha conhecido qualquer tipo de restrição. Essa iniciação à *aretê* é levada a cabo, **primeiro, pela família, logo que a criança está apta a entender e mais por obediência do que por compreensão; e é continuada depois na escola, ultrapassadas as fases iniciais da aprendizagem, pelo exemplo recolhido na obra dos poetas. Finalmente, concluída a instrução escolar, é a vez de a cidade orientar o comportamento dos seus cidadãos pela recorrência ao poder das leis**". [...] em muitos casos, apesar de educados em boas escolas e por bons professores, as pessoas não aprendem a virtude (ACHLEI, 2016).

Sem entrarmos aqui no mérito de responsabilidade na formação de valores e como esse curso é centrado na figura do professor, o convite que se faz é uma reflexão sobre formação de valores e bons costumes dos alunos pelo exemplo de ser e agir do professor. Ensina-mos com o que falamos e muito com a forma na qual agimos, com o nosso exemplo. Um professor que desrespeita os horários da aula está ensinando algo a seus alunos, isso independe da sua vontade, há uma mensagem no ato em si!

Lúcia Helena Galvão, em suas palestras, comenta que uma pessoa muito habilidosa ou que possua uma boa qualidade e, que por isso, cativa a admiração dos demais, ela passa a ser admirada na sua totalidade do ser, incluindo os seus defeitos, os desvios de caráter.



Mídias digitais 9.2: Assista ao Vídeo – "Educação por Lúcia Helena Galvão" que foi gravado para a Pós-graduação em Docência do IFMG Arcos ([vídeo](#)).

O mau comportamento do professor ensina mau comportamento ao aluno. Façamos a leitura do texto completar sobre o mito de Prometeu do diálogo de Platão intitulado Protágoras:

9.2. O mito de Prometeu



Figura 18. Prometeu Traz Fogo à Humanidade. Pintura de Heinrich Fuger. Disponível em: <https://images.fineartamerica.com/images/artworkimages/mediumlarge/1/prometheus-brings-fire-to-mankind-heinrich-fuger.jpg>. Acessado dia 10/09/2019.

Houve uma época em que os deuses existiam, mas não as espécies mortais. Quando o tempo, que o destino havia atribuído à sua criação, chegou, os deuses reuniram-se nas entranhas da terra com uma mistura de terra e fogo e elementos que se combinam com fogo e terra.

Quando o momento de trazê-los à luz se aproximou, eles encarregaram Prometeu e Epimeteu de atribuir a cada um deles qualidades apropriadas. Epimeteu, porém, pediu a

Prometeu que o deixasse fazer a partilha sozinho. “Quando eu tiver terminado”, disse ele, “você virá examiná-lo”.

Seu pedido foi concedido, ele fez a divisão e, ao fazê-lo, atribuiu a alguns a força sem velocidade, a outros a velocidade sem força; ele deu braços a alguns, recusou-os a outros, mas imaginou para eles outros meios de preservação; àqueles a quem ele alojou em um pequeno corpo, ele deu asas para fugir, ou um refúgio subterrâneo; para aqueles que tinham a vantagem de um tamanho grande, seu tamanho é suficiente para preservá-los, e ele aplicou esse método de compensação a todos os animais. Essas medidas de precaução visavam impedir o desaparecimento das raças.

Ainda quando ele deu-lhes os meios de escapar da destruição mútua, ele desejou ajudá-los a suportar as estações de Zeus; ele imaginou, com esse objetivo, revesti-los com cabelos grossos e peles apertadas, suficientes para suportar o frio, também capazes de protegê-los do calor e, finalmente, pretendiam servir, durante o sono, de cobertores naturais próprios a cada um deles; ele os deu também, como sapatos, cascos ou peles insensíveis e desprovidas de sangue; em seguida ele lhes forneceu uma variedade de alimentos, de acordo com as espécies, a algumas as ervas do solo, a outras os frutos das árvores, a outras as raízes; a algumas até ele deu outros animais para comer; mas ele limitou sua fecundidade e multiplicou a de suas presas, para garantir a segurança da raça.

No entanto, Epimeteu, que não era muito atencioso, e sem prestar atenção, gastou nos animais todas as faculdades à sua disposição, porém ele ainda tinha a raça humana a provir, e ele não sabia o que fazer. Nesse embarço, Prometeu vem examinar a partilha; ele vê os animais bem providos, mas o homem nu, sem sapatos, sem manta, nem armas.

Então Prometeu, sem saber o que dar ao homem como meio de preservação, rouba de Hefesto e Atena o fogo das artes; pois sem fogo o conhecimento das artes era impossível e inútil; e ele o faz presente ao homem.

[...] graças à ciência que possuía, para articular sua voz e formar os nomes das coisas, inventar as casas, as roupas, os sapatos, camas e como extrair a comida do solo. Com esses recursos, os homens originalmente viviam isolados e as cidades não existiam; então eles pereceram sob os golpes dos animais selvagens, sempre mais fortes do que eles; as artes mecânicas eram suficientes para fazê-las viver; mas eles eram de ajuda insuficiente na guerra contra as feras;

[...] Quando os homens fundavam cidades, quando eles se reuniam, eles se faziam mal, porque não tinham ciência política, de modo que se separaram novamente e pereciam.

Então, Zeus, temendo que nossa raça fosse aniquilada, enviou Hermes para levar pudor e justiça aos homens, para servir como regras para as cidades e unir os homens pelos laços de amizade (PLATÃO).



Figura 19. Pintura de Theodoor Rombouts (Antwerpen, 1597-1637 CE) Museu dos Mestres, Bruxelas. Disponível em <https://www.ancient.eu/image/8053/prometheus/>. Acessado dia 10/09/2019.

Após ter roubado o fogo dos Deuses, Prometeu fora castigado: todos os dias uma águia devora seus órgãos, estes se regeneram à noite, e assim a sua punição seria eterna.

O mito de Prometeu evoca uma reflexão sobre o conhecimento técnico, a arte de transformar a natureza para o conforto do homem. Representado pelo fogo roubado dos Deuses, o homem supera a sua fragilidade física por meio da habilidade de manipulação de objetos, a inteligência para o cultivo, para a construção e para a criação. Nesse sentido, o homem recebeu a engenhosidade:

Os primeiros engenheiros eram membros dos militares que projetaram, construíram, operaram e mantiveram fortificações e motores de guerra, tais como aríetes, catapultas e canhões. O termo "engenheiro civil" denotou originalmente a tentativa de transferir o tipo de atividade e conhecimento envolvidos em tais questões militares em contextos não militares (MITCHAM).

Segundo o mito de Prometeu, o conhecimento técnico é insuficiente. É preciso também a política, no sentido platônico de habilidade de viver junto para a felicidade. Pudor e justiça, de modo que uns não sejam maus com os outros.

A definição moderna de engenharia ampliou-se, portanto, na questão humanística, no propósito comum. Engenharia⁸ é “a aplicação de princípios científicos para a conversão ideal de recursos naturais em estruturas, máquinas, produtos, sistemas e processos em benefício da humanidade”.

O conhecimento técnico da engenharia desenvolveu-se de maneira surpreendente na Alemanha durante o nazismo. Seria a engenharia nazista um sucesso? Como sentido moderno de engenharia cabe o bem social, o benefício para a humanidade, apesar do avanço tecnológico, quiçá nesse momento histórico a engenharia fora manchada pelo fracasso. Uma escola de engenharia, exemplificada aqui como uma alegoria do conhecimento técnico, que bem capacite tecnicamente alunos de mau caráter, faz um desserviço à humanidade.

Malba Tahan transcreve o seguinte trecho de Carlos A. Trezza de “A Reconquista do Homem”:

Temos cometido o erro de supor que quanto mais ilustrada e culta for uma pessoa, melhor elemento será ela para sociedade. Mas isto não é rigorosamente verdade. O aviltamento do intelecto em detrimento do cultivo do coração, tem produzido uma súcia de finórios, em vez de uma sociedade de homens finos (TAHAN, 1966).

Se emergir na mente os grandes problemas da humanidade. Estes são causados, ou não evitados, por pessoas que ostentam letramento.



Atividades 9.1: Essa semana você tem atividades exclusivas do “Meu portfólio”.

9.3. Acabou?

Retomando a ideia de perfeição como completude, aquilo que está acabado, ressalta-se a premissa de que os humanos são imperfeitos, inacabados e, portanto, sempre em construção.

⁸ New Encyclopaedia Britannica (1995), Micropaedia vol. 4, p. 496. The McGraw- Hill Encyclopaedia of Science and Technology (1997), vol. 6, p. 435.

Ainda que o curso termine aqui, a sua formação não acaba. Autonomamente e de forma autorregulada é esperado que você continue desenvolvendo-se profissionalmente por meio de tudo o que aprendeu. E conforme dito anteriormente, que você prossiga na sua formação fazendo outros cursos de Formação Continuada ou Pós-Graduação em Docência do IFMG ou de outras instituições.

Além disso, conto com você professor para responder com muita atenção o formulário de avaliação do curso e de sugestões para novas edições. Nada mais condizente com a formação realista que partir dos problemas reais da prática docente que você apontar como pertinente para, então, compor uma edição nova do curso. Cabe lembrar que nas primeiras páginas desse livro você encontra a [ligação](#) para o “Formulário de Sugestões para Correção do Material Didático”, sua ajuda é muito bem vinda.

Já dizia Santo Agostinho sobre o tempo, em particular sobre o futuro:

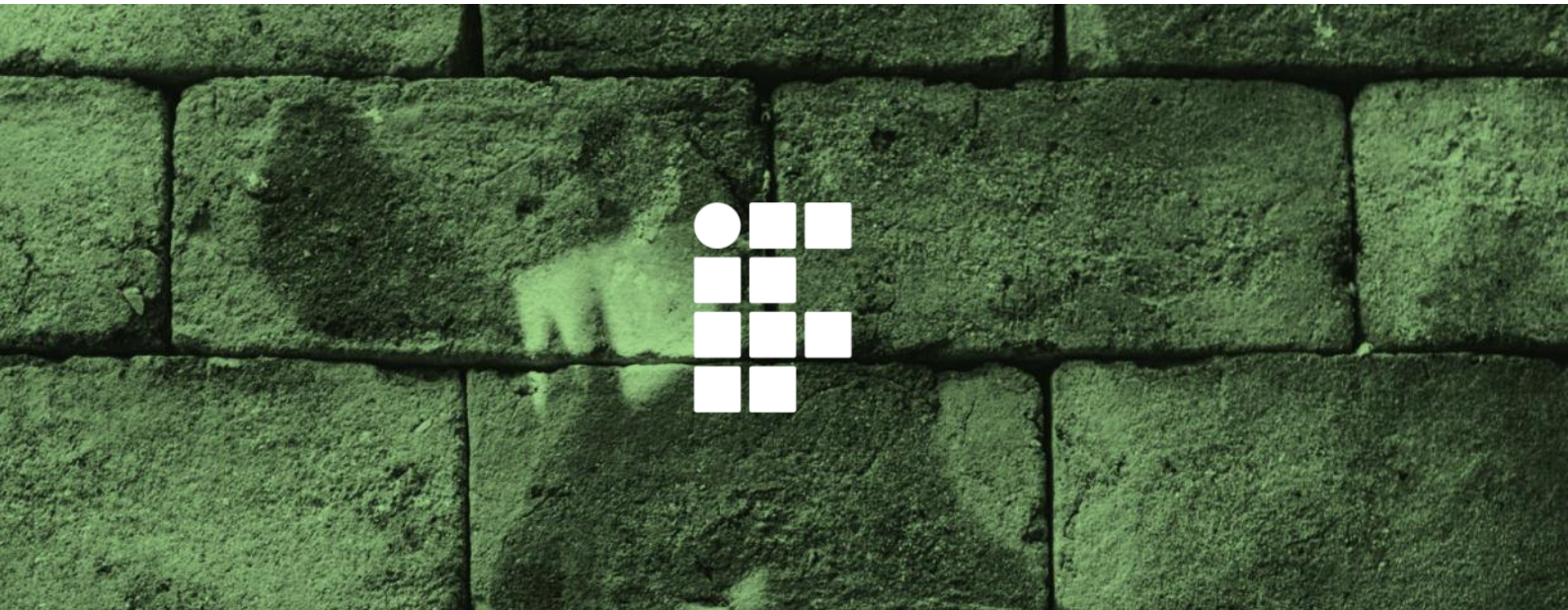
Mas o que agora parece claro e manifesto é que nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade, que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais certo dizer-se: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança (AGOSTINHO, 1964).

Nesse sentido, de esperança presente, é sugerido que você faça alguns compromissos consigo. A plataforma Future.me enviará de volta para você em um ano a carta que você escreveu hoje.



Atividades 9.2: Escreve uma carta para você mesmo no futuro, a partir das suas esperanças presentes. Indique as *Gestalts* que você identificou e que gostaria de aprimorar. Como executará o papel de professor pesquisador a partir de agora? Lembre-se na carta de rever todo o “Meu portfólio” e fazer uma reflexão sobre seu desenvolvimento, escolha o prazo de um ano ([acesse aqui](#)).

Sou Jefferson Silva, espero por você no próximo curso!



REFERÊNCIAS

- ACHLEI, R. C. C. Protágoras. PLATÃO. Tradução, Introdução e Notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. , Curitiba, 2016.
- ADORO CINEMA. Adoro Cinema. **Adoro Cinema**, 1996. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-15277/>>. Acesso em: 02 Agosto 2020.
- ALSINA, Á. et al. Marcas de autorregulación para la construcción del perfil docente durante la formación inicial de maestros. **Complutense de Educación**, 2017. 55-74.
- ALSINA, Á.; MULÀ, I. Advancing towards a Transformational Professional Competence Model through Reflective Learning and Sustainability: The Case of Mathematics Teacher Education. **Sustainability**, 2019.
- AURÉLIO. **Dicionário Online de Português**, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aperfeiçoamento>>. Acesso em: 20 Abril 2020.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, v. 1, 2001.
- BONINI, A. **A análise crítica de gênese e a prática profissional: o caso do concurso público para professor em universidades brasileiras**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: [s.n.]. 2009.
- BRASIL. Lei Nº 2501, de 29 De Dezembro de 1995. **Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Dezembro 1995. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/e9589b9aabd9cac8032564fe0065abb4/6f8f4d94d4e52e62032564f8005b4f9c?OpenDocument&Start=1.70&Count=15&Expand=1>>. Acesso em: 07 Setembro 2020.
- BRASIL. Planalto. **Planalto**, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12835.htm>. Acesso em: 07 Setembro 2020.
- CARVALHO, M. E. G.; MORAIS, G. M. D.; CARVALHO, B. K. G. Dos castigos à construção de sujeitos de direito. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 102, p. 24-46, 2019.
- CORTELLA, M. S. Youtube. **Canal do Cortella**, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=16rtpuGr9FM>>. Acesso em: 15 setembro 2020.
- COSTA, A. M. A escalada do efeito Dunning-Kruger na desconstrução do conhecimento científico. **Artigos.com**, v. 11, p. 1-11, 2019. ISSN ISSN 2596-0253.
- ESTEVE, O. et al. **Creando mi profesion. Una propuesta para el desarrollo profesional del profesorado**. Barcelona: Octaedro, 2010.
- FIORENTINI, D.; CRECCI, V. Desenvolvimento profissional docente: um termo guarda-chuva ou um novo sentido à formação. **Revista Brasileira de pesquisa sobre a formação docente**, Belo Horizonte, v. 05, n. 08, p. 11-23, 2013.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. [S.l.]: Campinas: Autores Associados, 2009.

GIROTO, A. A. D. S. Portal educação. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/os-cinco-sensos-do-programa-5s/73494>>. Acesso em: 04 Setembro 2019.

HANCOCK, J. R. El País. **El País**, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/29/economia/1511971499_225840.html>. Acesso em: 15 Setembro 2020.

HATTIE, J. **Aprendizaje visible para profesores**: Maximizando el impacto en el aprendizaje. Tradução de Carmen Ors. Madrid: Paraninfo, 2017.

HATTIE, J. Visible Learning. https://www.visiblelearning.com/Sítios/default/files/VL%20Summit%20John%20Hattie%20Keynote%5B1%5D_0.pdf, 2020. Disponível em: <https://www.visiblelearning.com/Sítios/default/files/VL%20Summit%20John%20Hattie%20Keynote%5B1%5D_0.pdf>. Acesso em: 16 Setembro 2020.

HYPOLITTO, D. Formação continuada: análise de termos, v. 21, p. 101-103, 1996.

ICHIHARA, A. Portal Caneca, 02 Dezembro 2014. Disponível em: <<http://portalcaneca.com.br/2014/12/matilda/>>. Acesso em: 02 Setembro 2019.

KILPATRICK. **Change and stability in research in mathematics education**. [S.l.]: Zentralblatt für Didaktik der Mathematik, 1988.

KRUGER, J.; DUNNING, D. Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 77, n. 6, p. 1121-1134, 1999.

LAROSSA, J. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LÉXICO. Léxico Dicionário de Português Online. **Léxico Dicionário de Português Online**, 2009. Disponível em: <<https://www.lexico.pt/capacitar/>>. Acesso em: 10 Setembro 2020.

LORENZATO, S. Malba Tahan – Um Precursor. **Educação Matemática**, 2004.

MARCOLIN, C. R. **Somos mais um tijolo no muro**: uma análise do álbum The Wall, da banda Pink Floyd. Lajeado: Centro Universitário Unitaves, 2017.

MARIN, J. C. Educação Continuada: introdução a uma análise de termos e concepções. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 36, 1995.

MICHAILOFF, G. T. **As Contribuições de Malba Tahan ao Ensino de Matemática**. Erechim: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2009.

MITCHAM, C. A Importância da Filosofia na Engenharia. **Universidade Estadual da Pensilvânia**, Pensilvânia.

MORIN, E. **Science avec Conscience**. Paris: Fayard, 1990.

MORIN, E. **Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur**. Paris: Unesco, 1999.

OLIVEIRA, A. R. D.; CHAQUIAM, M. Malba Tahan e Júlio César: Histórias para Além do o Homem que Calculava. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, 5, 2018. 27-40.

ORIGEM DA PALAVRA. Origem da palavra. **Origem da palavra**, 2012. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/treinar/#:~:text=Resposta%3A,%2C%20%E2%80%9Cpuxar%2C%20arrastar%E2%80%9D.>>. Acesso em: 09 Setembro 2020.

PLATÃO. **Protagoras**. Tradução de Émile Chambry. [S.l.]: La Bibliothèque électronique du Québec, v. 10.

PRADO, A. Istoé. Disponível em: <[https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>/>. Acesso em: 03 Setembro 2019.](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/)

PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/treinar>>. Acesso em: 09 Setembro 2020.

PUENTES, R. V.; AQUINO, O. F. A aula universitária: resultados de um estudo empírico sobre o gerenciamento do tempo. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 26, p. 111-129, Janeiro 2008.

RIBEIRO, C. A aula magistral ou simplesmente a aula expositiva. **Máthesis**, v. 16, p. 189-201, 2007.

ROCHA, C. D. Acervo Estadão. **Estadão**, 03 Junho 2015. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-vida-como-ela-era-palmatoria,11139,0.htm>>. Acesso em: 01 Setembro 2019.

SAM LOYD OFFICIAL. Sam Loyd Official Sítio, 2020. Disponível em: <<https://samloyd.com/about-sam-loyd/our-founder-sam-loyd/>>. Acesso em: 2020 Setembro 07.

SANTOS, L. M. M.; REIS, O. B. D.; SILVA, J. R. D. Aprendizagem visível de siderurgia para estudantes do curso técnico em metalurgia. **Revista Multidisciplinar em Educação**, 2020.

SOUSA, E. K. V.; FOSSA, J. A. O Pioneirismo de Malba Tahan na Educação Matemática Brasileira. **Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**, Belo Horizonte, 2014.

SUPER INTERESSANTE. Super Interessante, 22 Julho 2009. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/a-ciencia-divertida-de-yakov-perelman/>>. Acesso em: 07 Setembro 2019.

TAHAN, M. **A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor**. Caxambu: Vecchi, 1966.

TAKAHASHI, R. T.; FERNANDES, M. D. F. P. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paul**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-118, 2004.

UNICAMP. Sítio Oficial da Família e dos Admiradores Malba Tahan. **Sítio Oficial da Família e dos Admiradores Malba Tahan**, 2017. Disponível em: <<https://www.malbatahan.com.br>>. Acesso em: 01 set. 2020.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Universidade de Coimbra, 2020. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat/servicos/matematicos/Gardner-M>>. Acesso em: 07 Setembro 2020.

VIEIRA JÚNIOR, N.; ROSSI, C. M. S.; SILVA, J. R. D. **Tecnologias na Educação: docência e tutoria EaD**. 1a. ed. Arcos: IFMG, v. 1, 2020.

Este livro poderá ser citado como:

SILVA, J. R. **Formação realista-reflexiva baseada na obra “A arte de ser um perfeito mau professor”**. 1. ed. Belo Horizonte: IFMG, 2020.

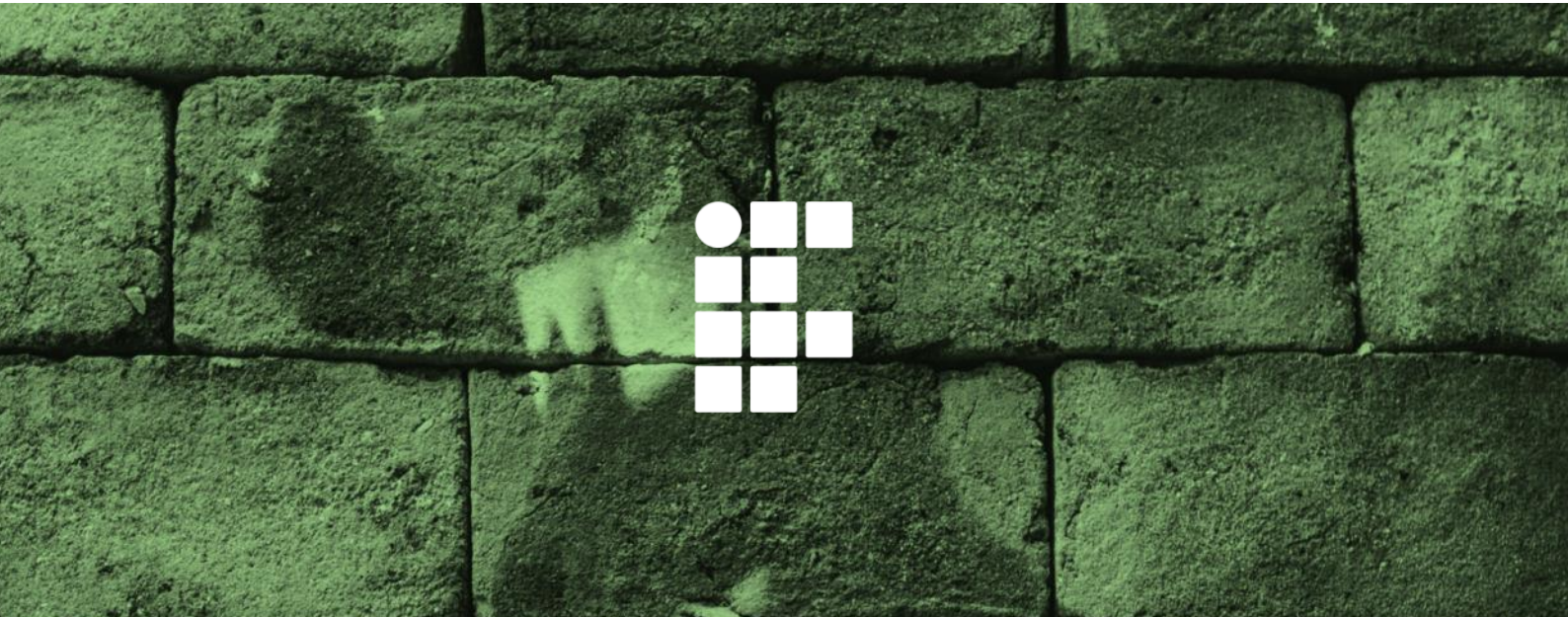
GLOSSÁRIO DE CÓDIGOS QR

Utilize os códigos QR abaixo para (*Quick Response*) para acessar os links do livro.

	Sala virtual	Mídia digital 1.1: Vídeos - “Apresentação do Curso” e “Tutorial de uso do Material”		Sala virtual	Atenção: Descarregar - "Meu portfólio"
		Nota de rodapé 1: Informações sobre a Pós-graduação em Docência			Mídias digitais 1.2: Vídeo – “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática numa perspectiva da Pedagogia da Autonomia”
	Sala virtual	Mídias digitais 2.1: Vídeo – “Apresentação do Malba Tahan”			Mídias digitais 2.1: Vídeo – “Conversa sobre Malba Tahan?”
		Dica do professor 3.1: "Sítio Oficial da Família e dos Admiradores Malba Tahan"			Mídias digitais 3.1: Vídeo – “Punição física e violência na escola”
		Mídias digitais 3.2: Vídeo – “Malba Tahan - Dia da Matemática - E agora, Matemática?”		Sala virtual	Mídias digitais 4.1: Vídeo – “Improvisação da Aula”
		Atividade 4.1: Vídeo - "Introdução aos Mapas Conceituais Aplicados à Educação"			Atividade 4.1: Vídeo - "Como Fazer um Mapa Conceitual"

		Mídias digitais 4.2: Vídeo – "trailer Matilda"			Sala virtual	Mídias digitais 5.1: Vídeo – “O professor Improdutivo”
		Mídias digitais 5.2: Vídeos – "Diferentes tipos de professores" e "O professor angolano."			Sala virtual	Mídias digitais 6.1: Vídeo – “O professor e a ciência”
		Mídias digitais 6.2: Vídeo – "Como identificar gente arrogante"				Mídias digitais 6.3: Vídeo – "Efeito Dunning- Kruger"
		Nota de rodapé 5: Artigo - "Unskilled and Unware of it: How difficulties in recognizing one's own incompetence lead to inflated self-assessments"			Sala virtual	Mídias digitais 7.1: Vídeo – “A aula dos concursos: prova didática”
		Mídias digitais 7.2: Vídeo - "Fronteiras do Pensamento do Zygmunt Bauman"				Atividades 7.2: Artigo - “A aula magistral ou simplesmente a aula Expositiva”
	Sala virtual	Atividades 7.3: Fórum – “Minha aula”				Mídias digitais 8.1: Vídeo – "Afetos e Educação"
		Mídias digitais 8.1: Vídeo – “Henri wallon: afetividade e inteligência”				Mídias digitais 8.2: Vídeo - “Desrespeito: alunos reclamam de professora de

						ciências”
		Mídias digitais 8.2: Vídeo - “Senta e estuda”				Mídias digitais 8.3: Música - "Another Brick In The Wall da banda Pink Floyd"
	Sala virtual	Mídias digitais 9.1: Vídeo – “Reflexões sobre a aprendizagem”				Mídias digitais 9.2: Vídeo – "Educação por Lúcia Helena Galvão"
		Atividades 9.2: Carta "Futureme"				



CURRÍCULO DO PROFESSOR-AUTOR



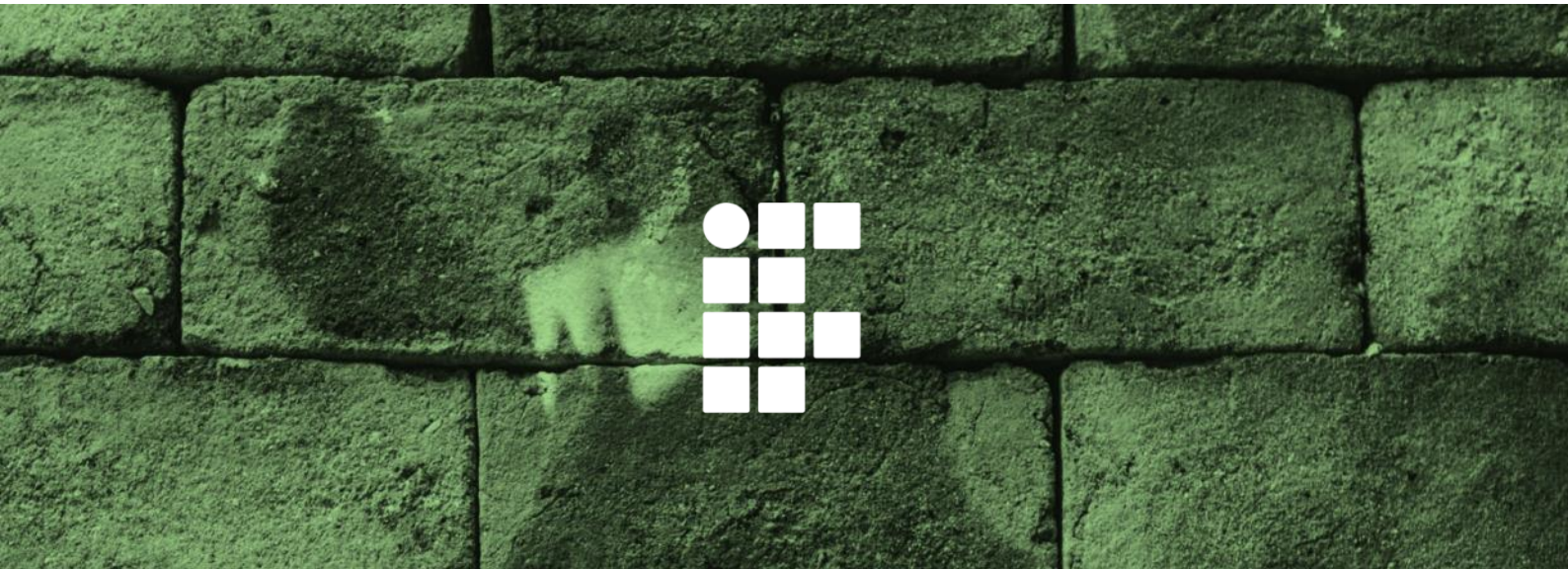
Prof. Jefferson Rodrigues da Silva:

Graduado em Engenharia Mecânica na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) com intercâmbio sanduíche nas universidades: Universitat de Girona (UdG - Espanha) e The Hague University of Applied Sciences (Países Baixos). Mestre em Engenharia Mecânica pela UFSJ e doutorando em Educação pela UdG. Professor efetivo no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) Campus Arcos, onde atua no curso de graduação em Engenharia Mecânica e na Pós-graduação em Docência (EaD). No IFMG Arcos já ocupou as funções de Representante local da Assessoria de Relações Internacionais (ARINTER), Presidente do Comitê de Educação a Distância (CEAD) e Chefe do Departamento de Engenharia Mecânica. Foi professor visitante do departamento de metalurgia do *Cégep de Trois-Rivières* (Canadá).

jefferson.silva@ifmg.edu.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0246316357702468>

Feito por (professor-autor)	Data	Revisado por	Data	Versão
Jefferson Rodrigues da Silva	08/09/2020	Ricael Spirandeli Rocha	05/10/2020	1



Características deste livro:
Formato: A4
Tipologia: Arial e Capriola.
E-book:
1ª. Edição
Formato digital

